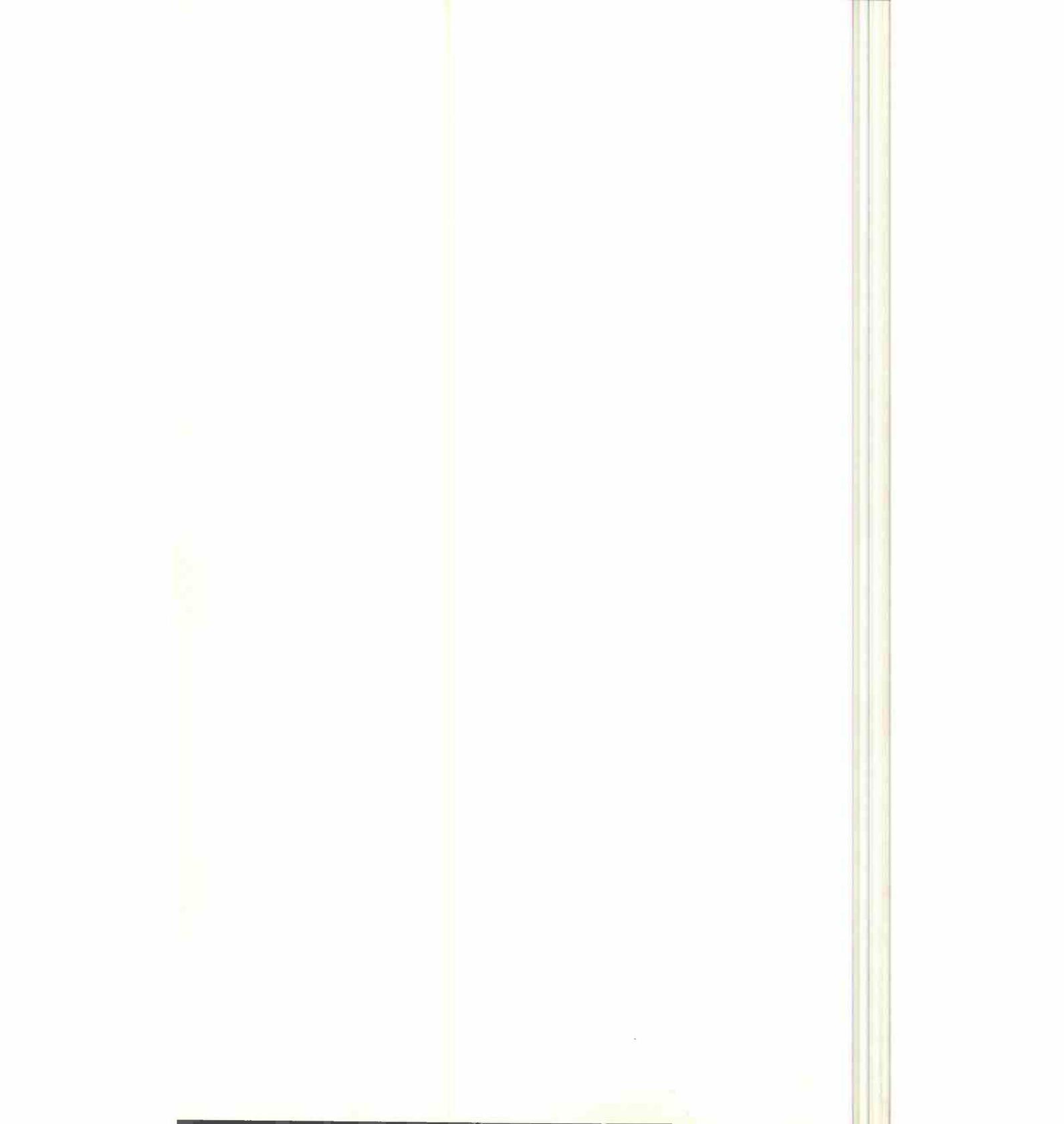


CAOS

UM ALMANAQUE DE CONTOS

51PORTÁTIL





Autorizo o poeta Soares Fautoza
a reproduzir este
Caos Portátil no seu
Jornal de Poesia
Pedro Valgueiros.

CAOS



PORTÁTIL
UM ALMANAQUE DE CONTOS

CAOS PORTÁTIL
UM ALMANAQUE DE CONTOS

JorgePieiro
PedroSalgueiro

GeraldoJesuino
JorgePieiro
NiltoMaciel
PedroHenriqueSaraivaLeão
PedroSalgueiro
Raymundo Netto

Comite Editorial

GeraldoJesuino
Arranjo Visual

Infogravura
HélioRola
Na capa

JorgePieiro
PedroSalgueiro
Rua Coronel Jucá, 1000/1101
Meireles Fortaleza CE
60170-320
panaplo@ig.com.br

Correspondencias

Gráfica e Editora Pouchain Ramos
Impressão

elaborada pela bibliotecária
Perpétua Socorro Tavares Guimarães
reg. C.R.B. 3/801-98
Ficha catalográfica

Caos Portátil: revista de literatura v. 1, n. 5,
semestral - Fortaleza: Panaplo, 2007-1.
Almanaque de contos - periódico

CDD 869.9308

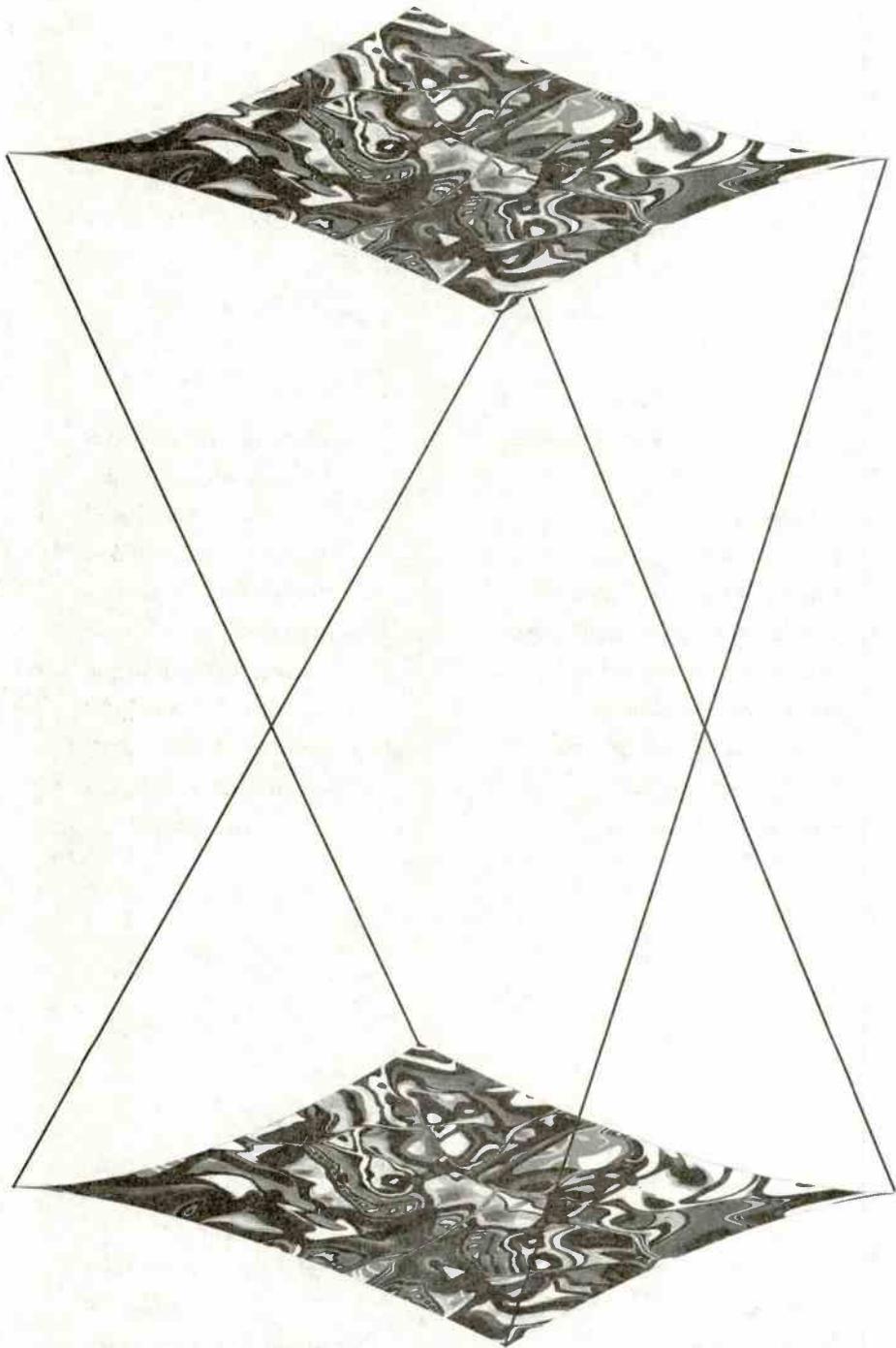
ISSN 1808-3080

"...por debajo de noches vomitadas
de música y tabaco
y vilezas menudas
y trueques de todo género,
bien por debajo o por encima
de todo eso no había querido fingir
como los bohemios al uso
que ese caos de bolsillo
era un orden superior del espíritu
o cualquier otra etiqueta
igualmente podrida,..."

*"por baixo de noites vomitadas
de música e de fumo
e de muitas infâmias
e truques de todos os gêneros,
bem por baixo ou por cima
de tudo isso, eu não tinha desejado fingir,
como os boêmios o faziam,
que esse caos portátil
fosse uma ordem superior do espírito
ou de qualquer outra etiqueta
igualmente podre,..."*

Rayuela
Júlio Cortazar

Jogo da Amarelinha
Tradução:
Fernando de Castro Ferro



5 V E Z E S C A O S

O quase impossível faz parte do Caos; poucos acreditavam ir tão longe uma revista que, como muitas, estava fadada a morrer de primeira, quantas boas experiências não foram abortadas em meio a tanta boa vontade que impera nos meios não oficiais de se-fazer literatura nessa terrinha tão propensa a transformar cultura em e-ventos sociais.

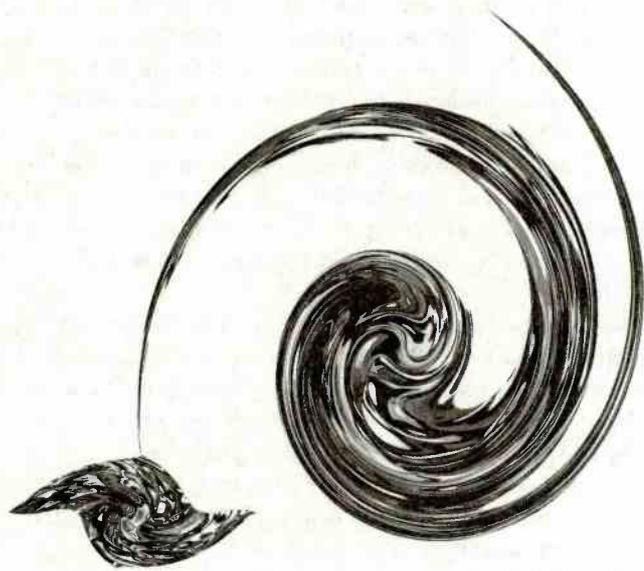
Realizar esta como se fosse a última, sem neuras de perpetuar-se (já se perpetuando), procurando brechas em editais e afins, matando vários leões a cada número, neste picadeiro de circo de terceira classe que se tornou nossa cultura letrada.

A ojeriza a clubinhos, igrejinhas e semelhantes tem norteado nossas escolhas, buscamos várias gerações, estilos e temáticas, sem exclusões nem preconceitos; trabalhando principalmente com os jovens escritores que surgem em profusão e com talento a cada novíssima geração: e quase de todo esse caos é composto de novas caras, ainda sem os vícios e as malandragens que o meio inevitavelmente impõe.

Ser, junto com a revista Ficções, a única revista específica de contos a circular no país nos dá a força que às vezes nos faz-quase desistir da empreitada. Vamos somando mais que dividindo, realizando mais que antevendo dificuldades.

Vamos enquanto tiver caminhos para sonhar.

O S E D I T O R E S



OS RELÓGIOS

Estava ali, na sala maior, para tomar conta dos relógios — limpá-los e acertá-los, de acordo com o horário oficial — e não parecia se aborrecer muito com isso, nem com os turistas que chegavam de manhã bem cedo, em geral, apressados, e que não se excediam nas perguntas, não se excediam em especulações sobre a casa, nada além do que os folhetos de propaganda já adiantavam, como atração. Às perguntas mais freqüentes, ele costumava responder com o mínimo de palavras, com frases já decoradas, que não deixavam nunca nenhuma dúvida sobre sua função ali

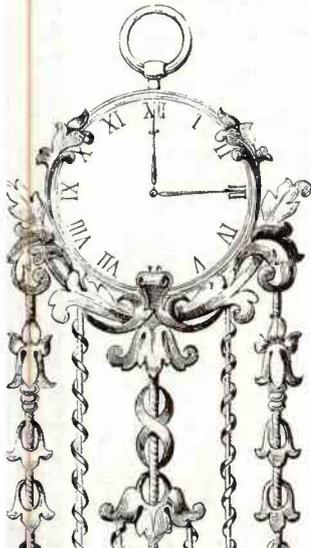
ALCIDES MATOS

(Fortaleza-CE, 1938)

Funcionário público aposentado, dedica-se ao Direito, à Música e à Literatura. Tem publicado o livro de contos *O risco das decisões* (2006).

dentro, só se impacientando um pouco quando alguém insistia em saber sobre o funcionamento aparentemente perfeito de todos eles, e de que forma ele conseguia mantê-los impecáveis durante meses seguidos, pois não fora contratado para dar esse tipo de informação — e nisso, alguns ainda se enganavam. Mas mesmo assim, ele se mantinha calado, apenas indicando com a mão a porta por onde eles deveriam seguir — e nenhuma explicação a mais.

Em geral, não percebiam nunca os diferentes níveis das salas. A própria dimensão da casa favorecia essa impressão, com a ausência completa de degraus ou de rampas que indicassem qualquer desnível mesmo nos corredores, e assim, deslumbrados com a quantidade de relógios e com o tamanho dos mostradores de alguns, não se detinham para olhar pelas jane-

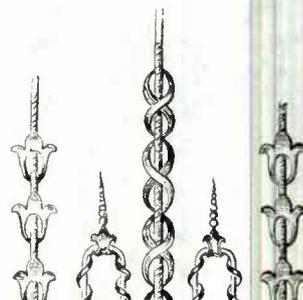


las ou descobrir junto às vidraças a grama dos jardins, os pés das pessoas andando lá fora, o mato crescendo já próximo à parede, como nos porões.

Não se interessavam também em saber se não havia no terreno algum declive, se não estava o mesmo encravado em alguma encosta semelhante às que eles viam nos bairros mais próximos — o que explicaria, em parte, as janelas um pouco mais elevadas, e os vidros sempre fechados, o ar condicionado ligado mesmo nos dias menos quentes — nada disso parecia interessá-los. Na verdade, só se interessavam mesmo pelos relógios junto das paredes, em compará-los com as fotos dos folhetos de propaganda para conferir o tamanho de cada um, e esse comportamento até certo ponto esperado, era para ele a garantia de que tudo permaneceria por muito tempo sem grandes alterações — a garantia de que ele continuaria lá, trabalhando.

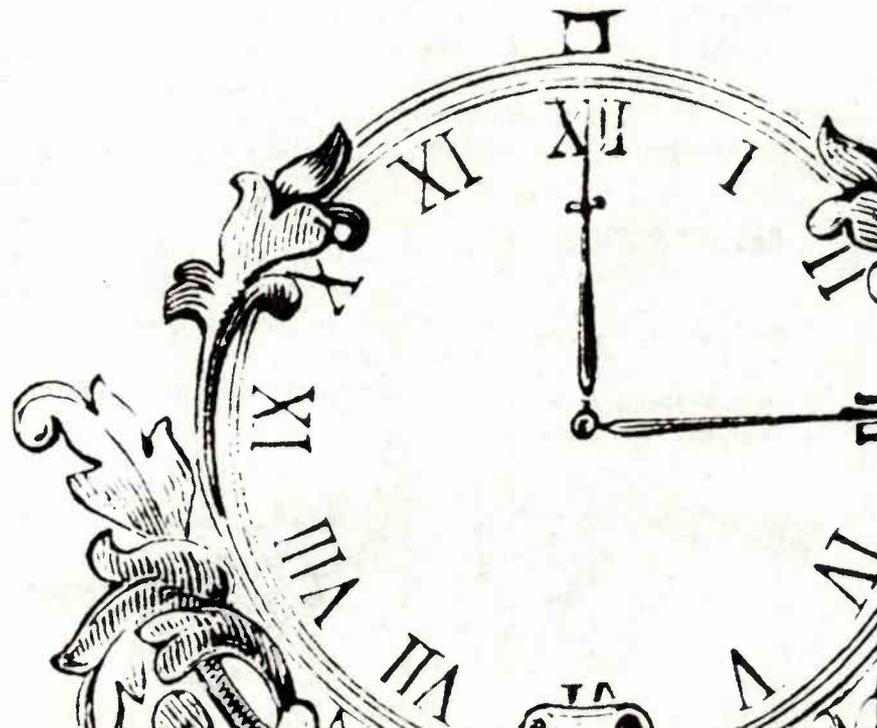
Por conta das ruas em geral enlameadas, até se compreendia que se surpreendessem com o brilho do piso sempre muito limpo, com a vastidão dos cômodos até certo ponto carentes de móveis, e que dissessem ao ver os relógios: “Que idéia extraordinária!” “Que coisa admirável!”, já indiferentes às peculiaridades das janelas dando por jardim, já encarando a casa muito mais como um museu onde ele seria, pelo que se podia imaginar, o único responsável pela vigilância — e sua maneira de sentar, num canto, isolado dava mesmo essa impressão.

Só que as perguntas que as pessoas não costumavam fazer, acabaram sendo feitas, de surpresa, por um rapaz de boné vermelho que, depois de percorrer todas as salas, retornaria sozinho para admirar de novo os relógios e olhar mais de perto as janelas que não se abriam. Parecia inquieto, surpreso com o tamanho da casa, com o número de cômodos, a seu ver excessivo, e era essa dúvida que ele queria tirar: se além do dono e de sua família não moravam ali também outras famílias, se não seria esse o sistema que assegurava de uma forma precisa o equilíbrio das despesas para a manutenção do prédio, e por qual razão não se



abriam as janelas, para que o ar pudesse circular melhor — as perguntas que ele não esperava ouvir naquele domingo de chuva, justamente por não poder respondê-las.

E talvez por conta dessa curiosidade que parecia ameaçar até mesmo o funcionamento dos relógios, as visitas ficariam suspensas — e um aviso na porta de entrada, pediria a compreensão de todos, que em breve, tudo voltaria ao normal. A princípio, por quatro ou cinco semanas, enquanto as outras salas, até então fechadas, fossem recuperadas de vez, e depois, definitivamente, e sem nenhuma explicação — o que acarretaria um prejuízo enorme às empresas de turismo. Tudo por ordem do dono, que não ia admitir mais perguntas desse tipo, pois preferia mil vezes ficar trancado lá dentro se preparando para as invasões que mais cedo ou mais tarde ocorreriam, do que se deixar descobrir, de repente, sem defesas — para ele, apenas uma questão de tempo — e por isso, os relógios teriam mesmo que continuar trabalhando, vigilantes, contando os minutos, mas longe de todos, como ele achava que devia ser.



EPITÁFIO PARA UM INFANTE DEFUNTO

Depois da cinematográfica queda do comandante, disseram-me que nada o aborrecia mais do que as crônicas semanais do Infante Defunto no diário "El País".

Feito um genial Voltaire mestiço, aliado aos maricones Virgílio Piñera e Lezama Lima eles reinventaram a Literatura cubana e a tornaram Universal. Ousaram lançar ao mar da minúscula ilha a linda "Orígenes", com direito a traduções do Proust. A escrita do Infante, permeada de um delicado humor e de jogos verbais foi capaz de desafiar os fuzis soviéticos de segunda mão contrabandeados pelo comandante. Holly Smoke, quem diria.

Nos precoces anos da Gloriosa Revolução cubana, Piñera, em seu esquálido corpo em pele-e-ossos, afirmou em alto e bom som que tinha um estranho medo, um ligeiro pressentimento. Foi imolado vivo, devido ao discreto "A Carne de Renée."

O Infante Defunto, olhos miúdos ao relento, munido de um quase-septuagenário cavanhaque, levou o prêmio Cervantes para casa, para desgosto dos esquerdistas d' além mar. Enquanto o Garcia Márquez fazia medidas ao comandante e apostava em um Realismo Fantástico que encantava os editores da Feira de Frankfurt, o Infante Defunto redescobria joycianamente a Havana vieja em seus cines, malecons, negros estivadores, falcões malteses, lilians helmans e travestis americanos. No final dos cinquenta os rapazes Barbados desceram a Sierra Maestra e humilharam o pequeno comerciante de especiarias na pequenina Gibara, bem próximo o Infante estava mergulhado em "Moby-Dick". O encanto foi perdido depois que o Marciano Lopes o

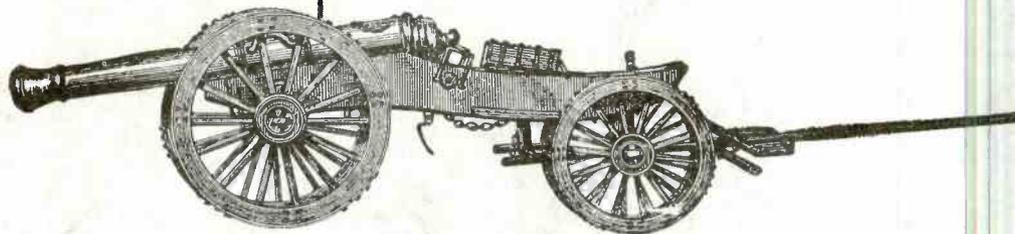
encontrou para um ligeiro até breve na Galeria Lafayette para trocarem memórias e cartões. Depois de uma saudação cordial, o Infante partiu desta para melhor, para alegria do comandante e de seus diletos discípulos. Dirigindo-se ao Lopes, antes de ser arrebatado aos céus por onze mil virgens, sentenciou:

— Lana Turner desabou sobre Jorge Piciro

ALDIR BRASIL JR.

(Fortaleza-CE, 1964)

Doutor em Matemática pela USP/SP. Professor da Universidade Federal do Ceará. Tem poemas e contos em revistas literárias e sites na internet. Inédito em livro.





BONECA DE LOUÇA

Desde pequena conhecia aquela boneca naquela caixa. Não podia brincar com a boneca. É de louça, dizia a mãe. E ela entrevia a boneca quando a mãe esquecia de trancar a porta, na hora em que embalava, na cadeira de balanço, a boneca de cachos dourados.

Ângela Gutiérrez

(Fortaleza-CE)

Professora da Universidade Federal do Ceará. É Mestre em Educação (UFC), Doutora em Letras (UFMG), membro da Academia Cearense de Letras e autora de vários livros, dentre os quais *O Mundo de Flora* (Prêmio Estado do Ceará, romance, 1990), *Avis rara* (contos, 2001) e *Luzes de Paris e o fogo de Canudas* (romance, 2006).

Quando virou moça e já não brincava de boneca, ainda tinha vontade de abrir a caixa para acariciar a boneca de cachos dourados. Mas não podia porque a boneca era de louça.

E com o tempo, a mãe já não trancava a porta nem para se assear nem para pegar a boneca, que tivera tão lindos cachos dourados, e embalá-la na cadeira de balanço.

Às vezes, as amigas chamavam para sair à noite ou para ir à praia nos domingos de tanto sol, mas ela não podia ir porque a mãe, na cadeira de balanço, podia até cair.

E, por fim, as amigas já nem chamavam e nem eram mais amigas, mas vinham as primas com os filhos e olhavam a velha na rede. Tinham pena e perguntavam abismadas: quinze anos assim? vinte anos? E vinham os filhos das primas, às vezes, perto do Natal, ou porque passavam por ali, e perguntavam: trinta anos? E diziam: está tão pequenininha, parece uma criança. Pediam para ver a boneca. Ela destampava a caixa. Pegar não pode que é de louça, dizia.

E quando já era noite e a empregada ia dormir, trancava a porta, tirava sua boneca da rede e a ninava na cadeira de balanço, cantando baixinho canções antigas, do tempo de sua meninice.



UM PEDACINHO DE PAPEL RABISCADO

O poeta. Quase ninguém conhecera o poeta, trancado naquele aparta- mentozinho, com cheiro de café, pão com manteiga, cigarro, muito cigarro, várias caixas de sapato com originais que nunca foram copiados nem chegaram à primeira edição. O poeta, ninguém se lembraria dele. Nem em um dia, nem em duas semanas, nem em três anos.

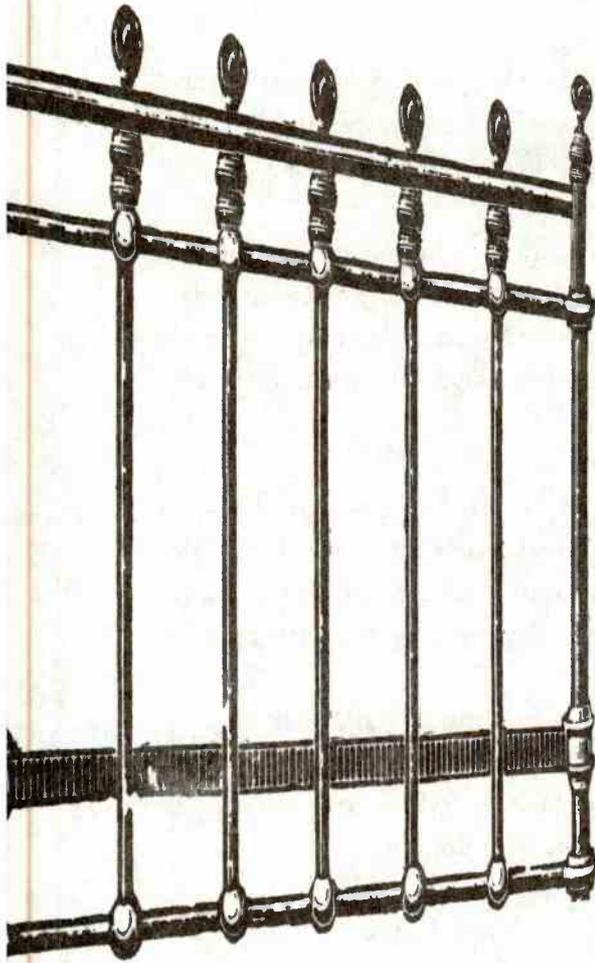
Em dois anos, o poeta iria morrer de ataque cardíaco. Ele só tinha um gato completamente preto, que escolhera viver junto com o poeta. Chamava-se Meia-Noite, e ronronava quando passava por entre os calcanhares do poeta. Ele tinha os calcanhares gostosos de se esfregar. O poeta não era virgem, mas nunca mais fizera sexo depois que sua agorafobia piorou. Hoje, ele só poeta no seu apartamentinho.

Caió Marinho

(Fortaleza, CE, 1986)

Escreve contos em blogs, na internet. Inédito em livros.

O apartamentinho é alugado e o aluguel é sempre atrasado. Quando chega algum novo síndico para cobrar o aluguel do poeta, primeiro ele tromba com os vizinhos que dizem que não se deve implicar com pessoas doentes. E o poeta estava doente. Depois, batia na porta e Meia-Noite — que havia atravessado o parapeito do prédio e entrado no corredor em frente ao apartamento 132 — miava, em alarme, do mesmo jeito que os vizinhos do poeta haviam feito. O poeta, então, falava baixinho, lá de dentro, desculpa, mas eu não posso pagar com dinheiro, e também não posso sair. Posso lhe pagar com um pedacinho de papel rabiscado?



ESPERA INFINDA

Dona Célia acordou bem cedo, como fazia todos os dias. Ainda nem se podia ouvir o cantar dos galos. Estava ansiosa. Tomou um banho rápido, pôs o vestido longo de pregas e, sobre ele, o avental. Começou com os afazeres domésticos. Limpou toda a casa, da pequena varanda até o terreiro, onde ainda res-

Caio Montenegro

(Fortaleza-CE, 1987)

Estudante de Letras da Universidade Federal do Ceará. Inédito em livro.

tavam umas galinhas. Caprichou na arrumação do quarto: lavou o chão, trocou os lençóis e perfumou com umas ervas que dizia serem afrodisíacas. Depois foi à mercearia, comprou verduras, temperos e uma carne muito gorda – até parecia de propósito –, embora o médico houvesse proibido ao marido por causa do coração. Preparou o almoço com carinho. Fez a comida de que ele mais gostava.

Perto do meio-dia, tudo já estava pronto. Só faltava ele chegar do trabalho. Ligou a televisão e ficou esperando o marido. Imaginou algum imprevisto por causa da hora já avançada. Talvez

tivera que substituir um vigilante do período da manhã. Será? Não, talvez não. Ele teria ligado para comunicar algum atraso ou coisa do tipo. Mas ele não ligava nunca, por isso preferiu esperar e ver se, enfim, chegaria.

Nada. A tarde passou lenta, e o sol já estava se pondo. Aproveitou para ir aguardar as plantas que ficavam na varanda e molhar a calçada, assim tirava o mormaço do sol da tarde. Os vizinhos passavam em frente à casa, alguns nem olhavam mais; outros ainda cumprimentavam.

– Boa tarde, dona Célia!

Ela olhava, mas nunca respondia. Às vezes, nem chegava a olhar. Afinal, nunca gostou de falar com estranhos. Então eles passavam sem ao menos ficarem constrangidos, no máximo balançavam a cabeça em modo negativo, como se lamentassem algo.

O marido já demorava – e muito! –, então ela pegou a cadeira e sentou na calçada. Ficou esfregando, enxugando as mãos na barra do vestido rasgado. Irritava-se quando alguém passava e olhava de lado, com o rabo do olho.

– Está olhando o quê?

Então a pessoa seguia, apenas acelerando o passo.

Olhava para um lado e outro, levantava-se, ia até o meio da rua, subia na ponta dos pés descalços, forçava a vista, mas nem sinal dele. Depois ela se sentava novamente, desanimada. “Ele chega amanhã”, pensava. Cansada da espera, resolveu entrar. No outro dia, ela faria tudo novamente e, quando ele chegasse, a perdoaria por amá-lo tanto.

– Ela se arrependeu? Faz tanto tempo...

– Parece que sim. Dizem que foi mesmo por causa de ciúme.

E continuaram andando em passos lentos, observando a velha fechar o portão antigo.



PÉTALAS INESPERADAS

Por exibir um sorriso cativante e demonstrar determinação e competência em seus atos, Maria Carmelita, minha mãe, conquista a admiração de todos que a conhecem. Há alguns meses, os almoços de domingo não eram, porém, os mesmos e os seus olhos, antes brilhantes, revelavam uma tristeza como se, de alguma forma, algo lhe faltasse.

Embora eu quisesse viajar a sós com César, meu marido, convidei minha mãe para nos acompanhar em um fim de semana a Canoa Quebrada, afinal, seria uma solução viável e agradável de ser realizada, para mudar o seu ânimo.

Hospedamo-nos em uma pousada próxima do mar, rimos em demasia, vimos o nascer e o pôr-do-sol na areia da praia, enfim, os três dias foram necessários para reanimar os dias de minha mãe e para nos aproximar.

Agora estou eu, na Igreja de São Valentino, no casamento de minha adorável mãe. Deveria estar orgulhosa e emocionada de vê-la de vestido de noiva em seu matrimônio, pois desde o falecimento de meu pai, aos meus cinco anos, que ela não havia amado mais. Porém, não consigo parabenizá-la, porque retorna à memória o despertar do interesse de César por ela, após aquela magnífica viagem e, a cada abraço dado, beijos e olhares trocados pelos dois, é um pedaço de mim destruído, uma dor sentida na alma e no coração, uma desilusão do amor perdido e a ausência de meu amado no nosso lar, desde então, desfeito.

CAMILA MARCELO

nasceu em Fortaleza, Ceará, em 1990. Estudante secundarista. Inédito em livro.

AS SOLTEIRONAS

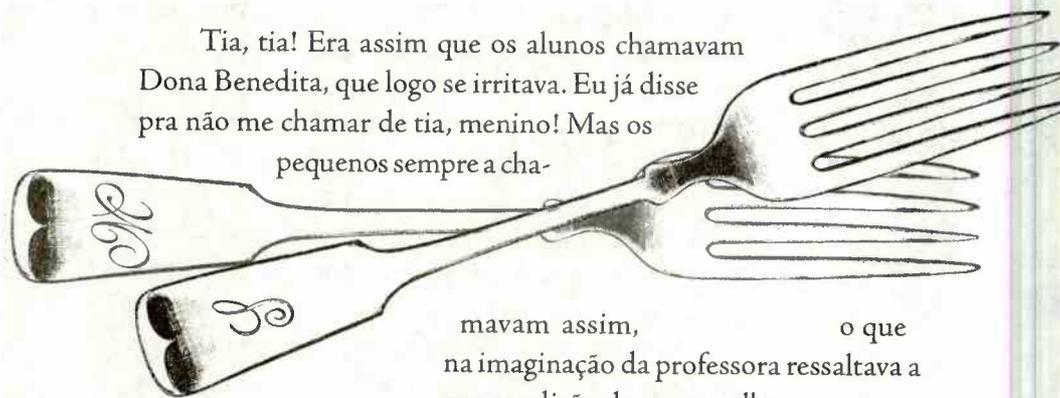
Para:
Fortaleza, minha cidadezinha.

Para:
Sânzio de Azevedo e Fernando Coutinho
Miguel Leocádio e Socorro Acioli.

“A cidade, propriamente dita, é desagradável, mas em compensação existe ao seu redor uma natureza incrivelmente bela.”

(*Os sofrimentos do jovem Werther* – Goethe)

Tia, tia! Era assim que os alunos chamavam Dona Benedita, que logo se irritava. Eu já disse pra não me chamar de tia, menino! Mas os pequenos sempre a cha-



mavam assim, o que na imaginação da professora ressaltava a sua condição de moça-velha.

Dona Benedita era professora do primário. Mulher alta, vistosa, era como descreviam-na as amigas de magistério, quase todas sem homem que as amassem. Diziam também que Bené era afobada, mandona, nervosa, exigente e por isso os homens fugiam dela. Bené tornou-se diretora, o que causava inveja em algumas colegas.

Dona Carmem, a Carmosita, que era casada, acrescentava na descrição da

Carlos Eduardo Bezerra

(Fortaleza-CE, 1974)

Graduado em História pela UFC, onde também concluiu os cursos de Especialização em Investigação Literária e Mestrado em Letras.

Atualmente é Doutorando em Letras pela UNESP/Assis. Inédito em livro.

amiga o tempero típico da história local e, com seus ditados, disparava: quem não puxa herda! Como assim, perguntavam as mais curiosas. Vocês não sabem que Bené é sobrinha de Dona Eloah? Ao menor interesse das amigas pelos antepassados de Bené, dona Carmem as entretinha no chá que oferecia em casa para quebrar a monotonia da vida de casada há trinta anos, com os filhos crescidos e devidamente casados, como costumava dizer, persignando-se.

Curiosas, as amigas investigavam os detalhes do modo de ser de dona Eloah e a comparavam à sobrinha. Ao final, a professora arrematava: Dona Eloah era solteirona e monarquista intransigente! Até colaborara com a fundição da estátua de Pedro II, colocada na praça em frente à catedral, onde depositava flores no aniversário do monarca. Para dona Carmem, essas palavras definiam bem a tia de Bené: mulher fechada em seu vestir austero, parecendo sempre de luto. No peito, trazia a fita encarnada das Filhas de Maria. De chapéu, deixava o seu casarão para ir a missa na igreja do Rosário, onde, aliás, Carmosita casara com Vicente. Ao falar do assunto, como num trampolim, ela mudava a prosa e, gabando-se, contava as amigas o seu dia de rainha... Mas depois voltava a falar de Bené: coitada, ficou pra vitalina, como dona Eloah, morando sozinha em seu casarão. E assim passava as tardes, desfiando com as amigas o seu rosário de histórias...

Foi também num desses chás vespertinos que elas souberam da grande notícia: Bené ia casar-se. Mas com quem, santo Deus, perguntou uma amiga, quase queimando a boca com chá de camomila. Quem será a vítima, disparava uma língua viperina, engasgando-se com biscoito de milho. E como de hábito foi-se mais uma tarde, todas comendo como formigas roçadeiras os seus bocadinhos, ocupando-se da vida da amiga, afinal, gente solteira sempre dá o que falar, afirmava Marilac, mais conhecida como Marizinha.

Quando souberam que o nome do noivo era Jesus, não pensaram duas vezes: será que Bené entrou pra lei dos crentes? Valei-nos, Deus! gritou Pedrina. Ela entrou foi pra lei do Cão! gritou Elisinha. Era assim que se costumava dizer com os convertidos ao

protestantismo naqueles tempos da cidadezinha de procissões do Senhor Morto, das novenas e festas de santos padroeiros.

Mas não era nada disso. Tratava-se de uma intriga. Madalena, invejando a ascensão profissional da colega, resolveu colocar no jornal um anúncio falso, proclamando as bodas de Benedita com o tal Jesus, que, para causar alvoroço nos familiares da diretora, todos católicos, era protestante. Madalena logo passou o jornal para as amigas que se encarregaram de fazer correr a notícia... Não havia roda de calçada que não comentasse o fato...

Benedita não deixou barato. Para apimentar a vingança, escolheu o dia de domingo quando a família de Madalena, tradicional e católica, se reunia para o almoço colocado mais tarde que o habitual, pois vinha parente de longe e até das areias regalar-se na cidadezinha.

Como não havia jornal que circulasse naquele dia, Benedita resolveu colocar no quadro de proclamas da igreja do Carmo o anúncio do casamento de Madalena com Isaac, filho do comerciante Jacó, de origem judia.

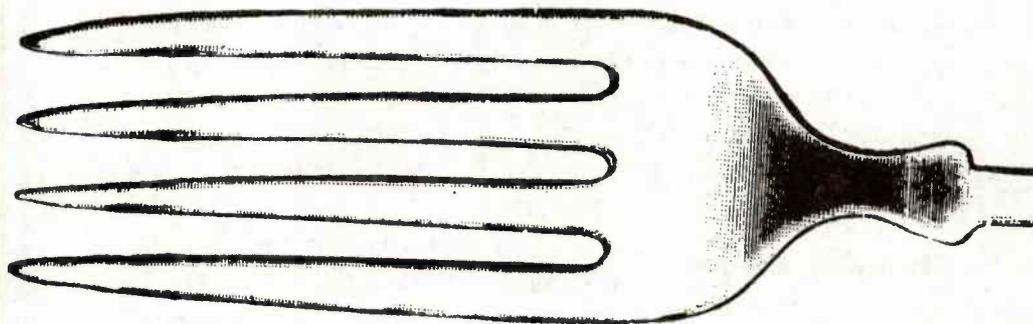
Quando as tias de Madalena viram que se tratava da sobrinha, quase desmaiaram aos pés do padre Mundinho. Mas o que é isso, padre Mundinho, questionava dona Isolda, a tia Zoldinha. Nós queremos uma explicação, dizia dona Licinha, a tia Alice. O padre, sem entender nada, apenas olhava, admirado que tudo estivesse em papel timbrado da paróquia e nos conformes, como manda a Santa Madre Igreja Católica Apostólica Romana. Vejam só, apontava, basbaque, o sacerdote para o quadro de proclamas.

Alvoroço maior foi quando as tias solteironas deram a notícia em casa. Madalena lhes devia explicações. Aquele foi o assunto do almoço de domingo. Quem é o tal Isaac? Onde você o conheceu? É filho de judeus? Valei-nos, Virgem Maria. Defendei-nos, Mãe Santíssima! E correram para o santuário, rezando terços e acendendo velas. A avó, temendo o casamento, foi definitiva: mais antes uma boa morte! E voltou ao silêncio do seu mundo particular onde o herói era Totonho, o marido morto na Revolução de 32... Totonho é que era um homem bom, repetia, com a boca torta, como numa

ladainha da novena da virgem da Assunção, padroeira da cidadezinha. Totonho é que era homem bom... Totonho...

Ao final do almoço, depois de muito falatório, de muito choro e lamentação, encontraram a solução: Madalena ia desfazer o incidente, anunciando no jornal que se tratava de uma brincadeira de mau gosto, pois era solteirona convicta, entregue às orações, à castidade e à penitência e até pensava em tornar-se irmãzinha de caridade. O nome de santa já parecia anunciar o seu destino. Mais do que resolver o caso, a solução encontrada selava o futuro de Madalena. Mesmo contra a sua vontade, assim foi feito. Afinal, quem sai aos seus não degenera, pensou Dona Licinha, que sempre desejara ser freira e sonhava usar o hábito das irmãs do Imaculada com suas cornetas alvas...

Rindo como nunca, em seu casarão, Benedita leu o dito anúncio no jornal. Era o seu dia de glória! Não satisfeita com a desgraça, enviou para Madalena uma cartinha anônima, dando as boas-vindas à nova solteirona da cidade. Junto enviou a carteirinha da Associação das Solteironas, convidando-a para uma reunião no casarão da rua das Esquecidas, 1331. Para bom entendedor aquele era o número do velho casarão de dona Eloah, indicando que aqui se faz, aqui se paga!



TERRITÓRIOS



de seu aparta-
aquela relação, ficá-
lado do outro, mas quando

dissesse exatamente o que ela queria que eu fizesse, então, no sofá mesmo, lhe colocava as mãos no meio das pernas. Seus olhos ficavam transparentes, reluzentes, cruéis, porque me refletiam: um homem velho de mãos enrugadas. Aquilo me perturbava, parecia que tinham colocado algo na minha bebida e que, quando eu me dava por mim, as forças iam embora, o desejo ia embora, e os olhos dela fixos a me refletir, riam, riam, riam e diziam: “velho babaca!”. Mesmo que eu deixasse seu apartamento, mesmo que eu andasse pelas ruas e olhasse mulheres mais bonitas e mais interessantes que Nadine, eu voltava a sua porta.

Carmélia Aragão

(Sobral-CE, 1983)

Licenciada em Letras e mestranda em Literatura na Universidade Federal do Ceará. Publicou o livro de contos *Eu vou esquecer você em Paris* (Fortaleza: Edição do Caos, 2007), premiado no III Edital de Literatura de SECULT.

Nadine sequer desviou o olhar mesmo sabendo que era eu quem batia à porta. Era estranho vamos em silêncio um ao

olhava pra ela, era como se me

Topei com ela, pela primeira vez, era umas 3 horas da manhã. Não tinha cara de puta, talvez nem a notasse se tivesse, sabe-se que depois de certa idade a gente cansa. Vestia preto. Um vestido de textura fina. Voltava de uma festa. Tirava a chave da bolsa para abrir o portão, mas ficou paralisada esperando que eu a atacasse talvez, como faria qualquer homem de aspecto nojento e gasto

dessa cidade, mas, ela prosseguiu no gesto, vagarosamente, porque eu era um velho e só isso.

Vi-a algumas vezes fumando na janela do edifício, quando eu saía de madrugada do trabalho. Era um prédio antigo, tinha um benjamim na frente. Era um prédio baixo onde também moravam pessoas velhas, gastas e nojentas como eu. Mas um dia, seguindo pela rua, ouvi um barulho de ferros e correntes. Apressei-me. Mas as ruas ficaram cada vez mais escuras, invisíveis até, e meu perseguidor já estava ao meu lado. Joguei-o no chão. Foi então que me dei conta do silêncio que só Nadine era capaz de fazer, e era ela numa bicicleta velha com a correia estropiada.

— Você está bem? — perguntei.

Eu era mesmo muito burro, ela me olhava, olhava, mas eu era burro, burro, claro que ela não estava bem! Eu sabia onde morava e foi para onde a levei. Subimos as escadas. Um quarto de dois cômodos. Um sofá pequeno. Uma cama de solteiro. Uma televisão de 14 polegadas. Nadine era uma pessoa que para se saber sobre ela, teríamos de seguir seus rastros, suas pegadas, seus objetos, então, no fundo do quarto, havia livros. Livros, livros, livros. Ferida, Nadine me agradeceu com um beijo no rosto.

— Sou só um velho — disse-lhe.

Acostumei-me a repetir isso pra mim mesmo. Quando me chamaram de “senhor” olhei-me no espelho e vi que há muito tempo eu não me olhava como era, mas como me relinha em minhas lembranças, via-me como se tivesse 30 anos ainda. Morava sozinho. Mamãe havia morrido fazia pouco tempo. No dia do beijo de Nadine, olhei-me no espelho pela segunda vez. Eu era um homem de meia-idade. Para mim, tempo bastante entre as coisas velhas, gastas e nojentas do centro da cidade. Mas quem me qualificou como essas tais coisas velhas, gastas e nojentas, senão eu mesmo? Nadine vivia no centro como eu e era jovem, fresca e viva.

Nunca pensei que um dia pudesse beijá-la, tocá-la, sentir-lhe a língua, as costas, o bico dos seios em minha boca. Nunca imaginei nada disso e quando aconteceu, vi-me refletido diabolicamente em seus olhos: “velho babaca!”. Corri. Fechei as calças. Corri. Mas somente no dia seguinte soube de seu nome, quando a procurei à tarde e uma vizinha me disse:

— Nadine está na Faculdade.

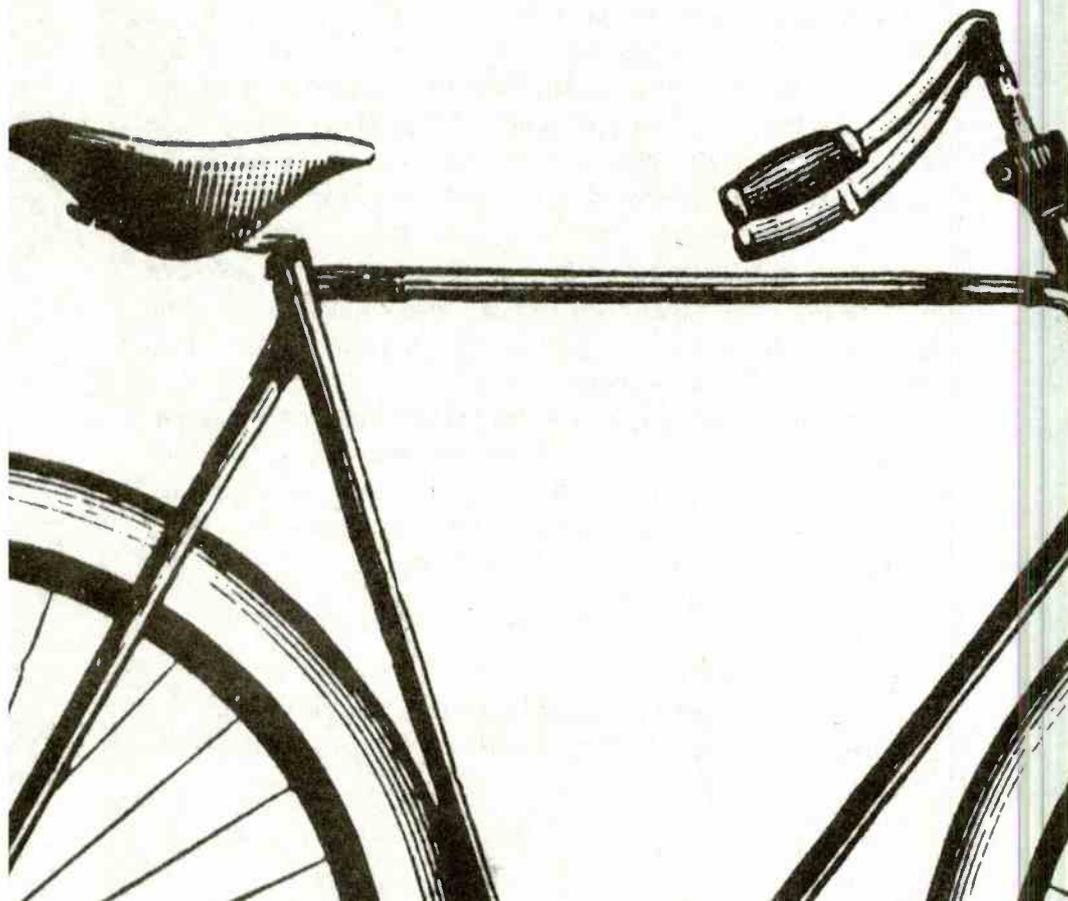
— Faculdade?

— É pesquisadora.

De madrugada gritei-lhe o nome. Ela apareceu na janela. Era ela mesma quem se chamava assim: Nadine. Quando abriu a porta, passei por cima dela,

me agarrei em seus objetos, carteira, bolsa, e os livros, a maior parte deles, escritos numa língua que eu jamais conseguiria ler. Eu era lão burro, lão burro, que apesar de perceber suas cores diferentes, eu não me dava conta, pois as pessoas nunca querem acreditar. Não era surdez. Não era mudez. Era simplesmente por não saber falar. Era estranha aquela relação, ficávamos em silêncio um ao lado do outro e era simplesmente por não saber falar.

Quando faltava pouco tempo para ela ir embora, percebi que essa hora se aproximava, porque seus abraços e seus olhares ficaram frouxos, como se quisessem me evitar. E fiz um acordo comigo de que não a veria mais, já que ela me afrouxava de si. Mas foi então que eu voltei, e Nadine sequer desviou o olhar mesmo sabendo que era eu, um desaparecido, quem batia a sua porta. Seus olhos não me refletiram. Estavam claros como sempre foram. E quando a possuí de pé, ali, percebi que aquela voz que me xingava era minha própria voz.



PEQUENO BURGUEÊS

Graças a Deus que eu não sou um pequeno burguês. Obrigado senhor, por me botar no mundo, bem no alto do morro. Nasci incolor e cheirando a samba, a bala perdida, a pó. Hoje, se tenho um diploma e um anel é por conta da reza forte de minha mãezinha, Dona Ziná. Parteira do Vidigal, do morro do Vidigal.

Nasci e me criei ouvindo samba. Meu pai, Seu Madureira, era compositor da ala dos compositores da Portela, velha guarda. Seu Madureira uma vez emplacou um samba, com o qual a escola foi campeã. Uma vez só. Mas, campeã! Portela, campeã do carnaval de mil novecentos e... mil novecentos e... nem me lembro mais, eu nem era nascido.

Meu pai, Seu Madureira, morreu de bala perdida. Voltava do barracão da escola e, na volta, se viu bem no meio da guerra civil: polícia e traficante. Uma bala perdida veio e levou o compositor do samba enredo campeão de mil novecentos e... Hoje eu sei que nenhuma bala é perdida quando atinge um alvo.

Graças a Deus eu ter nascido mestiço, cheirando a bala perdida. Um moleque filho de compositor e de parteira. Nascido bem no alto do morro. Vendo o Rio de Janeiro, o Redentor. Nosso barraco tinha a vista para o Cristo Redentor. A lembrança mais linda que tenho gravada até hoje nas retinas. É só fechar os olhos e lá está ele, nosso Pai, de braços abertos sobre a Guanabara.

Cláudio Portella

(Fortaleza-CE, 1972)

Autor de *Bingo!* (Porto: Ed. Palavra em Mutação, 2003) e organizador da antologia *Os Melhores Poemas de Potativa do Assaré* (São Paulo: Global, 2006). Tem trabalhos publicados em revistas, suplementos literários, revistas eletrônicas e sites na internet.



Hoje sou antropólogo, professor da UFRJ. E me pergunto de quem é o Rio afinal? Do pequeno burguês, viciado em cocaína, nascido em Copacabana? Ou de um moleque feito eu que fornecia esse pequeno burguês? É isso mesmo! Fui traficante até me tornar professor universitário.

Precisava me vestir. O samba de meu pai nunca deu camisa a ninguém. Nem a ele mesmo, que só tinha dois pares de camisas. Pensando melhor, nem a Noel Rosa. Lembram: “com que roupa eu vou pro samba que você me convidou?”

Fui traficante, mas nunca viciado. Acho que isso e a reza forte de Dona Ziná, foram o que me fizeram chegar aonde cheguei.

Sou antropólogo, ex-traficante, e volto a perguntar: de quem é o Rio afinal? Da dondoca que passeia no calçadão de Copacabana? Ou do garoto da periferia, de cima do morro, que num delírio, provocado pelas drogas, dialogou com a estátua de Drummond?

Carlos Augusto, um garoto feito eu, meu melhor amigo, morto por uma overdose da droga que me deu camisa e me ajudou a ser doutor. Nunca esquecerei aquela cena. Carlos Augusto sonhava em ser escritor, poeta feito Drummond, e, no mesmo dia de sua morte, eu estava com ele naquela tarde, ele e a estátua do poeta dialogaram por horas a fio.

De quem é o Rio afinal? Creio que o Rio é um país sem dono, uma terra de ninguém, uma cidade tombada, pertencente ao patrimônio mundial. Tanto é do pequeno burguês viciado, como da dondoca que exagera nos “ss”, como do poeta Drummond, do poeta Carlos Augusto e desse negro que vos fala, que graças ter nascido juntinho, ali pertinho do Redentor, não nasceu um pequeno burguês.



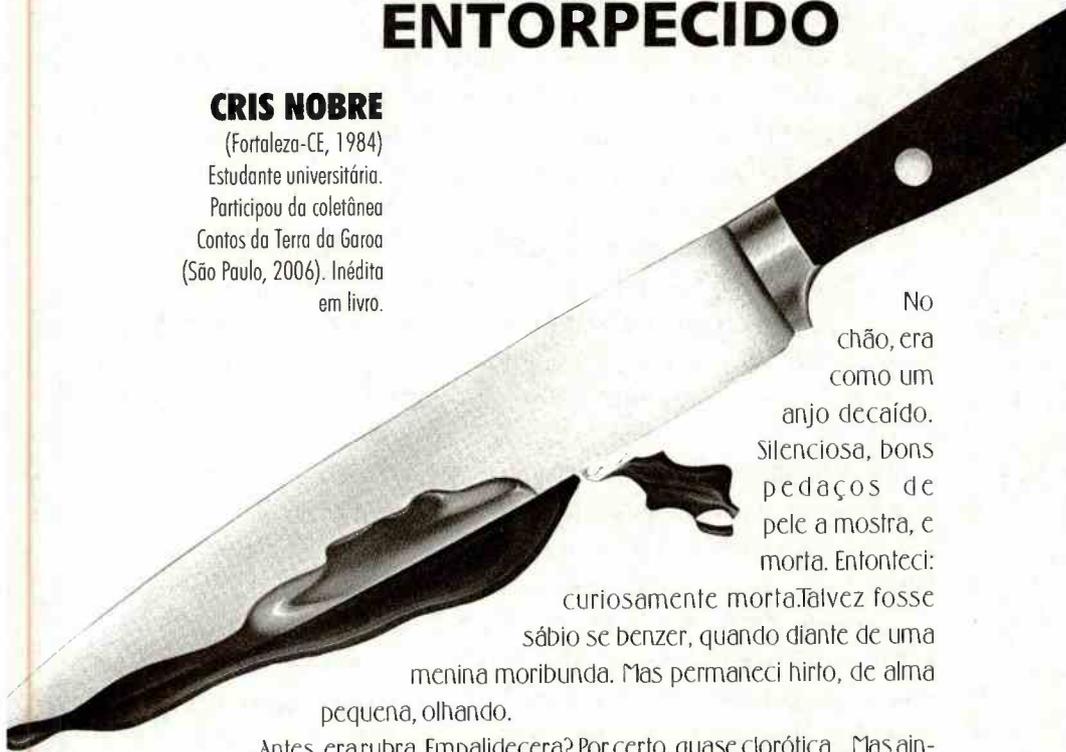
O LÍRIO ENTORPECIDO

CRIS NOBRE

(Fortaleza-CE, 1984)

Estudante universitária.

Participou da coletânea
Contos da Terra da Garoa
(São Paulo, 2006). Inédita
em livro.



No
chão, era
como um
anjo decaído.
Silenciosa, bons
pedaços de
pele a mostra, e
morta. Entonteci:
curiosamente morta. Talvez fosse
sábio se benzer, quando diante de uma
menina moribunda. Mas permaneci hirto, de alma
pequena, olhando.

Antes, era rubra. Empalidecera? Por certo, quase clorótica... Mas ainda eram lânguidos os olhos, e a boca fresca, tão fresca e saborosa a escorrer um filete de sangue. E ao olhar na madrugada ainda escura, aquela menina de coxas claras, vibrei numa revitalização lacrimosa.

Olhava-a, tolerava-a, tolo e mendicante por suas mãos. Olhava o lírio entorpecido. E me vinha o vigor de concebê-la morta. Mas não me abandonavam as sensações de amante, e me ocorre agora a infelicidade de ela ter sido tão inspiradora. No entanto, não sabia se me comovia, embora a certeza da beleza, se me comovesse.

Ela não parecia lutar. Eu só a via ceder. Mas que coisas, oh Senhor, que coisas a moviam por dentro, nunca pude perceber. Só sei que na morte ela foi

suave. Na jovialidade com que se entregou, apenas respirou serena. Remexeu-se, então, ao profundo contato da lâmina, e sangrou. Em calmo desespero, esperou o amparo de minhas mãos sobre seu corpo. Deus, penso que chega a ser triste a forma como me pedia.

Morreu a me olhar, a expressão se mantendo a ponto de chegar à náusea. Por quanto tempo ainda lhe segurei a mão?

Feria-a, talhei-a. E agora, sem ela, sem ela... Surgiriam novamente poemazinhos?

Oh senhor, eu não poderia prever que frutos ela daria. Matei-a ainda de seios pequenos, dando-se cálidos às minhas mãos, íntimos e desavergonhados. E não sei quem de nós era o perverso e a vítima. Francamente, nem sei se houve pecado. Apenas fizemos o que queríamos, e houve a fatalidade: pedíamos-nos.

Não sei também, menina morta, de agora vítreos olhos, de um peito que não se move mais, se sentirei falta de seus suspiros, que o arfar doce ainda está nos ouvidos. Saudades de sorrisos inevitáveis? Bem o sei, fala agora a minha porção lacrimosa, que me queria bem.

Pretendi amá-la como filha? Se o foi, não pude. Derrotou-me o pungente desejo de focar sua pele e partes virginais. Ah, sim! Sobretudo era parenta, prima de minha prima. E tudo começou com os segredos que me confiava. Solícito, numa ternura cansada, eu ouvia seus discursos rancorosos contra os pais. Dolorosamente, ela tentava não odiá-los. Tão verde sofrimento confrangia-me o peito a ponto de a pegar no colo e depravá-la.

Lembro-me das ocorrências de lucidez, quando tentei manter distância, assim como lembro dos suores noturnos, em grave e lacerante concupiscência. Mais dignos de memória, porém, eram os vestidos vaporosos. Eles prometiam, por certo, curtos e açucarados. Fáceis se deixavam levantar. E como era doce, ante o contato, perceber-lhe em rompantes de luxúria, durante as pacientes violações.

Desenhando-a em minha mente, chegam-me belos os adjetivos. Havia muito mais do que lhe sentir os volumes e a textura. Havia o cheiro. Ela cheirava a frutas. Era um pêssego maculado. Além do mais, mascava chicles. E nada provoca mais cupidez do que uma menina lírio mascarando chicles.

Oh, sim, havia prazer em machucá-la. Mas era um desprezo de leve, na expectativa de um violento revide. E de minhas fracas ofensas lhe nasceram as súbitas atitudes feminis, voluntariosas e arrogantes, dos seus 12, 13, 14 anos que me seduziam.

Senhor, conseguia ser tão gravezinha! Ares de abandonada, gritos histéricos por atenção, pequenos castigos. Quem era vítima, quem era pervertido? Por vezes, tão débil e combalido fui, servil e fiel, como um cão. Escravo de seus soluços, a princípio, quando podia lhe dar água na boca. Escravo de suas feridas, que me renderam os primeiros sopros.

Que moça daria, oh senhor?! Saudade haveria? Saudade de fazê-la rebentar em prazer orgástico, saudade do cóccix, saudade da lépida tagarelice que me enervava, por eu estar perdido na emoção de seus calcanhares.

Essa menina morta, quase uma messalina, terá sido sol ou pedra em minha vida? Penso se era bela, a sua morte, se era belo, vê-la ir-se entre os meus dedos. E notei no olhar falecido o tom apaixonado, indagando-me se, ante o furo profundo, sentia-me eu também rasgado.

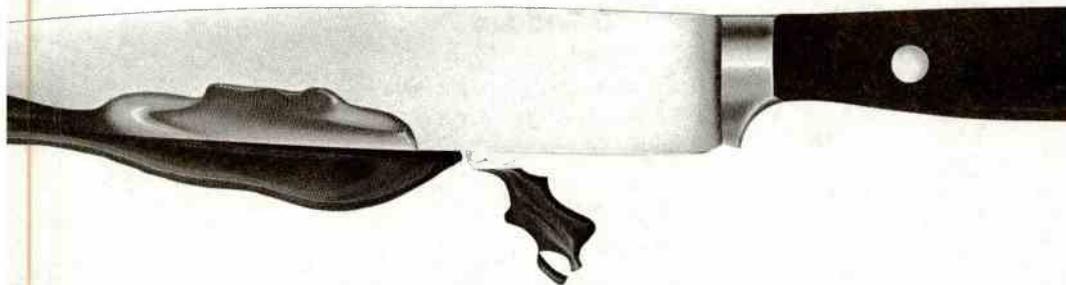
Oh senhor, vexo-me, quase, em tê-la banido. Perdoe-me a piedade, mas me vêm agora as frases velhas sobre amor e ódio.

A madrugada se ia, e eu sem ânsias. A ausência de um tremor nas mãos eu não conseguia justificar. Os outros dias chegariam, e uma menina seria lamentada. Haveria vertigens, alguns rostos perdidos, a frágil análise dos fatos, a sonolência, o cheiro de café, o lento esquecimento. E eu, Senhor, o que perderia? Era tão pouca, e era tanto.

Honestamente, não sentia peso. Ela era morta e eu revitalizado. Todo o resto era insípido. Só sei que tudo permaneceria: a angústia da profissão, a vacatura da mente, a tosse seca, a animalidade pulsando, os filhos, a vida útil, o sono.

Nada sabe, oh Senhor, nada sabe sobre o calor de uma menina gravezinha! Nada sabe sobre ser carne e falível. Nada sabe sobre a vitalidade de uma menina que masca chicles.

O sono dos úteis é válido. Volto para casa antes do amanhecer. Qualquer coisa reparadora, qualquer coisa balsâmica virá dos braços da esposa. Com ou sem perdão.



FRUSTRAÇÃO

À meia-noite, no quarto dele, Ela entrou como uma velha.
Abancou-se. Acendeu um cigarro.
Sorriu.
Em pouco tempo, os pés dele já oscilavam no ar.
O teto frágil teimava tentando mantê-lo suspenso.
Em vão!
Caiu!
Levantou-se e gritou:
— Droga!
Ela se enraiveceu, apagou o cigarro.
Saiu como um vulto.



David Cid

(Fortaleza-CE, 1986)

Estudante secundarista. Participou, com o conto "Desventura", da coletânea Algumas Ficções, em 2007. Inédito em livro.

PEQUENO BOSQUE DE IMITAÇÕES

Dios estaba en la puerta.
Cuidaba de no envejecer.
César Moro

Pobre deus o que desconhece
Que a morte não se repete.
F. M.

Sobre a mesa o corpo iluminado,
com volteios de 'quem domina o abismo.
Corpo-isca, em rasgos que tangem
as margens, a areia faminta da pele.
Horizonte cindido em compostos de
um mesmo desatino.

Começo a refazê-lo pelas som-
bras. Por onde a noite se diz noite em seus
disfarces e o olhar supõe conter todas as
formas. Sua nudez reconhece os vestígios
da imaginação. Soletro o bulício de cada
momento revisto pela memória.

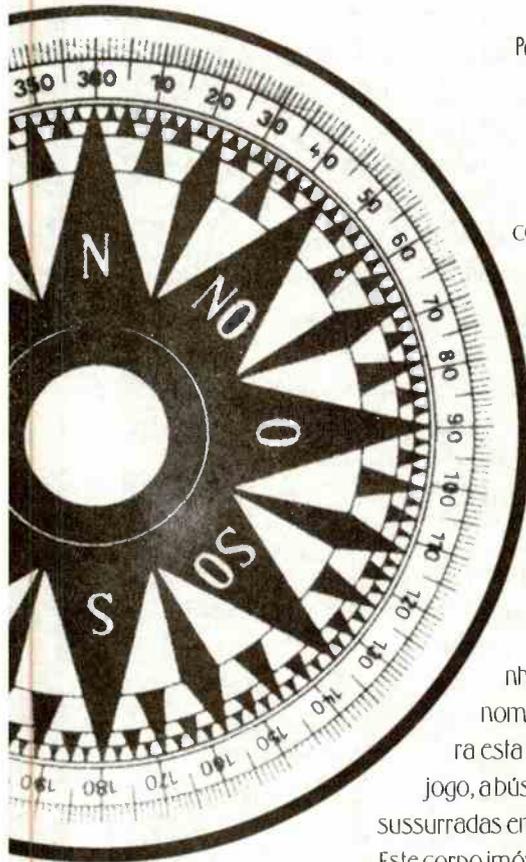
Eu o tenho pela primeira vez em mi-
nhas mãos e me surpreende encontrar meu
nome esmaecido em seus tecidos. Relcio ago-
ra esta peregrinação absurda traçada como um
jogo, a bússola desfalecida, o escombro de palavras
sussurradas em algum encontro deixado para trás.

Este corpo imóvel sobre a mesa possui irrequieta lingua-
gem. Um coro voraz de sentidos reinventados, batuque
incessante de imagens reconstituindo seus crimes.

O que lhe resta ainda vem das entranhas: a morfina
do sorriso, o altar abandonado de seu púbis, traços rocho-
sos nos joelhos, fendas esboçadas no dorso.

Eu faço cantar a sua torre esquecida, balcão de
cinzas, mortes anunciadas em jardins e casebres.

Um corpo assim reunido de uma ponta a outra de



Floriano Martins

(Fortaleza-CE, 1957)

Poeta, editor, ensaísta e tradutor de ex-
tensa obra. Co-edita a revista eletrônica
Agulha e mantém a Banda Hispânica,
integrada ao site www.jornaldepoesia.com.br. Estudioso e profundo conhecedor da poesia hispano-americana.

sua intempérie, em minhas mãos nesta mesa fria. E descobrir-me parte de sua vida sem que de outra maneira jamais o soubesse.

Tão indolentemente nua. Violentada em sua beleza e agora violenta em si e imponente. Inútil e perigosa.

Tudo o que atravessamos neste corpo é desolação. Sonhos que regressam de um labirinto gasto. A alma com seu cárcere alimentado por um teatro de vigas insones.

Abro seu peito e uma solidão arenosa revela os livros da insônia. Folhagem de cenas estremecidas, domínios retalhados por um ofício demente. Como convencer a memória do valor de certos segredos pouco atrativos?

No corpo sobre a mesa distingo frases aflitivas que percorrem o tremor da memória. Quantos mortos em mim serão seus? Segredos entornados fora de cena. Como não pensar em seu sexo enquanto o costuro?

Um tumulto de imagens abastece o mundo. Tudo muda de lugar. A dor não está mais aqui. Com quanto mais nitidez o observamos mais nos sentimos confusos em relação ao que supomos ser.

Rios incendiados, folhagem de angústias, infâmia mascando seus planos. Até mesmo o esquecimento enlouquece ao reler as vísceras do inconsciente.

Não suporto mais esquecer ou lembrar. Toda opção é uma pira funerária, leviana, cadáveres boiando em um salão de espelhos. Os corpos se amontoam em um só e ninguém tem piedade de nós.

Quantos mortos passaram por aqui desde que remendo-os para que se tornem menos impróprios? Tântos, e jamais me recriminaram o método.

A memória é um mecanismo de repetição, ou ramo de insistências, como um negócio bem gerido. Dissecamos suas reações, ajustamos plaquetas, laudos, sombras, despojos... De nada adianta. Vagamos no assombro de cada ato. Como se já não fôssemos parte de nós.

Identificamos o que vemos, sem compreender a frustração que nos iguala. Ainda leio seus nomes saindo do fogo, enquanto dissecos vícios como um pequeno bosque de imitações. Como exorcizar a memória no estado em que se encontra?

Este corpo se repete em mim com seu abandono sem limites. Costuro o ventre despedaçado, e penso no quanto deve ter simplificado o amor em sua vida. A morte se expressa sempre a cântaros, o que a vida raramente consegue.

Corpo sobre a noite, mesa fria, árvore do ofício, a fiação exangue com que me desalenta e enfim me tem como um navegante dedicado de suas visões e irreconhecíveis conjuros. Terei amado tanto esta mulher que já não me reconheço nela?

FAÇA LOMBO, MEU PADRINHO

Cabo Mariano vibrava na chefia do destacamento policial da cidade constituído de cinco soldados. Sentara praça na polícia, depois de ter prestado o serviço militar no exército. Sobejava autoridade.

Quando o delegado se ausentava, crescia a vibração. Cabo

Mariano assumia o cargo e se desdobrava em providências que se definiam no trinômio da autoridade, do bom serviço e da competência. Cedinho, na casa do coronel, como fazia diariamente o titular, punha-se a par das notícias chegadas da Capital, através do rádio a bateria, o único da cidade e se prontificava para as eventualidades.

Usufruí o privilégio de conversar com o coronel, enquanto esperava o café da manhã, que bebia

na grande mesa, juntamente com os

outros integrantes do farto elenco de bajuladores.

Investido no cargo, não lhe faltavam motivos para a expedição de portarias, que retratavam a eficiência e a autoridade de delegado interino. As portas da Intendência e as da velha cadeia de calçadas altas ficavam bordadas de folhas de papel mal datilografadas, mostrando as falhas dos tipos antigos e gastos da já quase imprestável máquina de escrever doada pela Secretaria de Polícia,



Genuíno Sales

(Pedro II-PI, 1938)

Veio cedo para Fortaleza, onde se tornou professor. Publicou contos em *Fins D'água* (Fortaleza: Edição do autor, 2005). É membro da Academia Cearense de Letras e Academia Cearense de Língua Portuguesa.

quando para lá foram adquiridas máquinas novas, no advento da interventoria.

A cidade inteira percebia quando Cabo Mariano estava no posto de delegado. A farda de cáqui bem engomada traduzia o zelo, a disciplina e uma certa imponência não estampada na normalidade dos dias de cabo. A pistola de dois canos fazia caculo na cintura por debaixo da jaqueta. O gorro de pala brilhante avultava na cabeça dando-lhe ares de alta patente. Os coturnos de sola dura rilhavam de bem engraxados e rangiam no compasso moroso da pisada forte.

Policiava tudo. Só não se importava era com o jogo de baralho. Fazia vista grossa. Os maiores amigos e colaboradores do coronel viviam enfiados na jogatina. O delegado titular, um inveterado das cartas. Parceiro infalível no bar do Cipião, onde, no reservado fedorento a mijo e a cuspe de fumo e sarro de cigarro, o carreado se prolongava noite adentro. Diziam que o delegado recebia propina do dono do bar para permitir-lhe a ação contraventora.

Na sua empáfia, dilatava competência. Resolvia casos da inteira alçada do juiz da comarca. Fazia audiência. Chamava as partes litigantes à razão. Citava jurisprudência e artigos do Código Penal, de oitiva. Ao final, recebia dos beneficiados, presentes de capões e leitoadas gordas. Intransigente na cobrança de licença para a realização de festas dançantes no interior e na sede do município, dizia que o pagamento das licenças dispensava a emissão de recibos.

À noite, no Cabaré da Glória, que ficava lá por detrás do cemitério, mantinha a ordem e aproveitava para raparigar com a Mundola, com quem vivia amigado desde o tempo em que a trouxera do interior por ter se botado a perder ainda de menor. Trouxera-a com a promessa de casamento com o sedutor, coisa que nunca ocorreu, por ser o rapaz, que mexeu com ela, filho de um dos mais importantes cabos-eleitorais do coronel. O inquérito não foi sequer instaurado.

Ingressara no exército por sorteio. A mãe fez promessas para livrá-lo de servir, mas não houve jeito. Serviu no batalhão de caçadores nas armas da infantaria. Adorava a farda. No início, os

pés sofreram nos coturnos. Muitos calos. Caxingava durante as marchas na ordem unida. Sentia-se, no entanto, outro, vestido de verde-oliva. Durante o serviço militar, ainda recruta, foi convocado para compor uma volante designada para coibir abusos e escaramuças na sua cidade natal, na época da passagem dos revoltosos. Exultou. Seria a oportunidade de mostrar aos parentes, amigos e demais conterrâneos o homem importante que era agora.

A volante abafou na cidade. Muitas pessoas fugiram. Muitas porém foram presas e açoitadas. O velho Alonso não escapou. E por capricho do destino era padrinho de vela do soldado Mariano. A ordem era surrar.

O Capitão mandou dar umas facãozadas no preso. Escolheu Mariano para cumprir a tarefa. Não havia outro jeito em nome do cumprimento da disciplina hierárquica. Mariano sacou do sabre, começou a bater levemente nas costas meio corcundas do respeitoso padrinho, com mão carinhosa de afilhado. A farsa durou pouco. O Capitão, desconfiado da marmelada, interferiu aos berros:

— Soldado, que diabo de marmelada é esta! Se não sabes dar em homem, espera aí que eu te ensino.

— Nhor não capitão... Não seja por isso.

Mariano não teve saída. Reforçou, debaixo da ameaça, a vigorosa mão-de-peia. Ainda cochichou nos ouvidos do indefeso padrinho com lamentosa justificativa:

— Faça lombo, meu padrinho... Faça lombo...

DESEJO DE ESCREVER

Era o lodo que aparentemente quieto no fundo do açude dizia da profundidade da água. Sentia-me idiota, matando peixes a cacete como se fossem galinhas, aquelas bocas beijando o ar com sofreguidão, os olhos sem piscar, os corpos pulando epiléticos na areia.

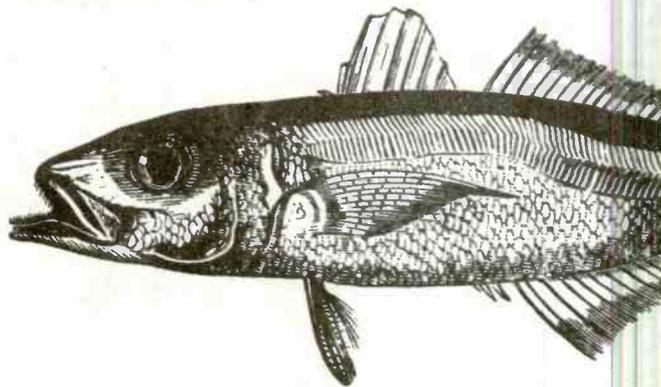
Dei minha contribuição na descamação dos carás. Olhei pra outra margem, vi as cabras pastando e decidi que ia até lá. Se eu ficasse seria pior...ou as piabas viravam piranhas e comiam meus calos dos pés...ou ia ficar me desviando dos papos vesgos, dos bafos de cana e da fumaça do churrasco. Tcháa... tcháa... tcháa, cada braçada e eu mais perto das cabras. No meio da água me dei conta de que não tinha resistência física pra chegar mais rápido (amanhã eu paro de fumar, me prometi!). O coração ainda galopava peito adentro como os tambores nas noites de São Luís. Fiquei boiando de papo pro ar, pensando na resistência em começar a escrever.

Escrever é um desafio constante de boiar em metáforas. Fui aos poucos me agarrando ao desejo de ter desejo. Em cima a água era morna, em baixo fria e funda. A água era ele agasalhando meu corpo, dizendo coisas que eu não conseguia entender, falando de rumos que não existiam, de pesos que não flutuavam... e quando sua barba roçou minha boca, lembrei-me assombrado dos beijos frenéticos dos peixes. Decidi voltar. Não havia respostas, nem fatos, nem dados, apenas a profecia do desejo germinando escrituras... e o povo gritando do outro lado: vem que o peixe tá assado!

GILBERTO MACHADO

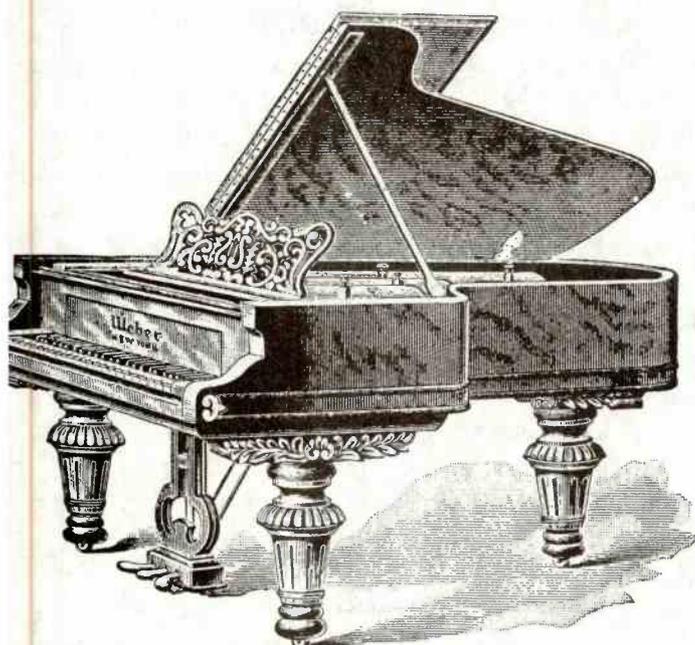
(Fortaleza-CE, 1962)

Artista Plástico e professor do Curso Superior de Tecnologia em Artes Plásticas do CEFET/CE. Faz doutorado em Educação. Publicou *Carne Reimosa* (Fortaleza: Expressão Gráfica, 2006).



[EPISÓDIO]

Salta a menina do vão da porta. Esgueira-se oblíqua e sutil sobre a soleira. Solitária e patética fora, ali, espiando na frecha, agachada por décadas,

**INEZ FIGUEREDO**

(Fortaleza-CE)

É poeta, cronista e contista. Publicou os livros de poesias *O poeta e a Ponte* (1997) e *Estrela, Vida Minha* (2004). Vencedora de vários prêmios literários e com trabalhos publicados em diversas revista literárias e antologias. Tem inédito um livro de contos.

sem coragem pra nada. Ágil, num pé só, agora, conta as pedras da rua como se brincasse de amarelinha. Aprecia com um olhar franjal, isto é, de viés, a Praça do Visconde e disfarça desviando-se das donas e dos doutores. Das bicicletas, também, e dos carregadores de fardos imensos, negros, suados e brilhosos. Ásperos os surrões, pensa e pára de brincar de amarelinha. Desce a rua da fábrica e dobra a direita na rua do Tamarindo. Mirando, mirando, a cabeça volitando pra direita e pra esquerda. Lembra neste instante, não sabe por quê, de dizer-se a si que a paixão exige gritos de dor. Gosta do sentir. Chupa o sentir. O irremediável sentir. Não lhe apetezem as sediciosas brumas que enovelam – se nas zonas do silêncio do mim mesmo.

— Ela disse de mim! Ela disse de mim! Seu pensamento gritava. Enfim!

— Peça-te humildemente, o mais humildemente possível, perdão, não por te deixar, mas por ter ficado por tanto tempo. — Foi assim que Aléxis, ou o Tratado do Vão Combate finou-se? Foram estas suas últimas palavras? Sim! Sim! Responderam em coro as vetustas e cultas janelas da centenária rua. Ressoavam as afirmações e os protestos, à direita e à esquerda.

— Marguerite Yourcenar, valha-me de dissacarar o que é teu há tanto tempo! Aqui jaz toda a minha pretensão, sussurrou encabulada, emendando: É só isto o que quero: Dizer Do!

Dando as costas a tudo isso, súbito, atentou, com mais comedimento, as altaneiras Portas — Janelas à direita e à esquerda. Suas retinas, nada confiáveis, fixaram-se na deslumbrante aldabra que reinava absoluta no alto da Porta Principal de uma das Casas Senhoriais da centenária rua, pequena e galardoada. Deu-lhe um comichão. Imaginou, detrás dali, ilhas virgens, aldeias silenciosas e molhadas, penduradas em montanhas iluminadas aqui sim, ali não; sentiu o odor de jardins de flores desconhecidas e de cores variadas; vislumbrou perfis diversos de belezas raras. E bateu. Moveu a mão e bateu a bronzeada aldabra. Abriu-se a enorme porta, então, rodando sobre dobradiças gigantes e suspirosas. E eis a maravilha: Toda em mármore rosa, pau cetim nos corrimões laterais, encimada por um imenso lustre de cristal, surgiu a Escada. Reluzente em sua majestosa sisudez.

— Sinto-me miragem! Que sei eu de mim a não ser o que me digo? Talvez inverdades convenham. E sabe o que devo dizer-me agora mesmo? Subir! Subir! E assim o fez. No alto, lá, lá, debaixo do lustre, reluzia, como um ovo de chocolate numa manhã de Páscoa, o Negro Piano. A seu lado, Sancho Pança, perfilava-se um banquinho rotatório em verniz preto, tão reluzente quanto seu amo, Quixote alemão.

— Dussendolfer. Não! Essenfelder. Sim, Essenfelder! E a grafia, estará correta?

Acercando o banquinho ao sonoro Otelo, sentou-se deliciada. Abriu-o cuidadosamente, segurando a tampa com as duas mãos e encostando-a devagar para não arranhar aquela delicada negritude. Afastou o feltro verde musgo que lhe cobria as teclas e alisou-as com as duas mãos. Marfim! Vejam só, marfim!

Tocou-as. Tocou-as. Tornou a tocá-las. Nada. Nenhum som. Entendeu, então, que, como a pena para a palavra, deveria haver um símile para o

som. Saberá, por acaso, a palavra dizer-lhe onde encontrá-lo? Ora, se ela, a palavra, encontrara a pena, poderia ajudá-la a buscar o que lhe faltara neste momento tão grandioso. Levantou-se, sentou-se no segundo degrau da Escada e pôs-se a dedilhar palavras. Continuou por horas, alforriando-as, uma, a uma:

— Domadora, doralina, dedo, duro, castão, vergão, verão, Murano, bellrano, batina. — Parecia-lhe que as lágrimas lhe queimavam os olhos e o mármore frio lhe açoitava as coxas.

Continuou ainda:

— Fígaro, figado, fogareiro, fumaça, feitiço,

— Epicentro, equimose, emoliente, eminente, enfadonho, emaranhado,

— Rapsódia, Rapsodo,

Na milionésima segunda tentativa, quando apelara a inúmeras palavras, quando descera o alfabeto de costas e subira de frente, muitas vezes, surgiu, numa absolutamente clara clareira em seu pensamento, um signo. Oloroso, tátil, brilhante, de luz cristalina e, sobretudo, ardorosamente melodioso:

— OH, A Clave de Sol!

Deu-se conta do transtorno que é o fato das palavras encerradas, por tantos e tão variados motivos, não poderem acorrer livres debaixo do Sol.

— Acho que é isso o que me dá a Pena. A Clave, a Chave. Essa arcana convivência dos enclausurados, refletiu.

— Brincai, crianças, brincai sob Meu Brilho! Derrubai os muros e os compartimentos estanques, Deus dizia-lhe, também, conivente. Instigando-a insistentemente.

Entorpecida, levantou-se, braços ao alto, gritando: Devo dizê-la agora! Devo dizê-la agora!

E, num esforço último, recitou:

— Fato, caso, incidente: Literatura

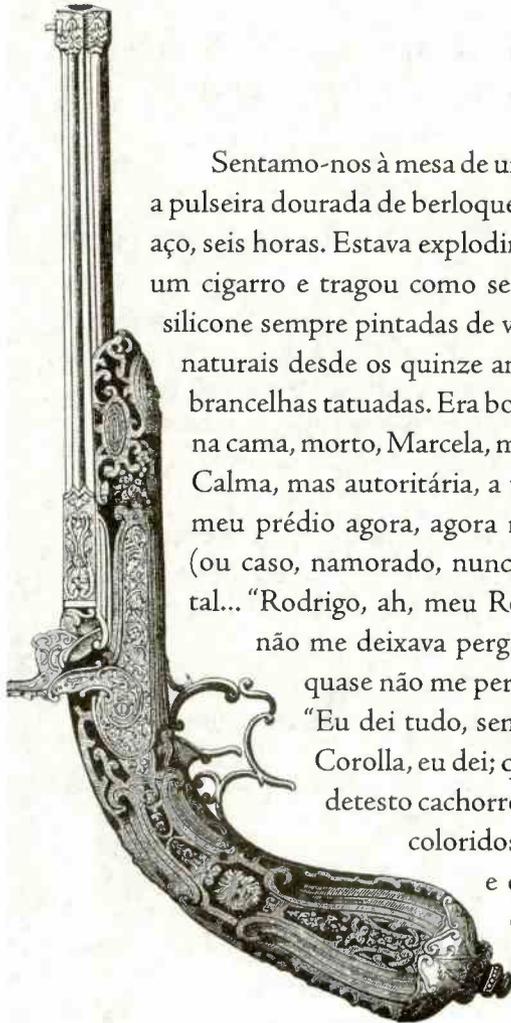
— Tragédia, comédia, ação, coro: Teatro

— Fuga, tons, tema: Música

— Episódio! Episódio! Episódio!

E recomeçou a subir, outra vez, em direção ao Negror do Piano. Desta vez, porém, brandindo na Clave de Sol a Palavra Encontrada.

TRAGÉDIA ÀS CINCO E VINTE



Sentamo-nos à mesa de um bar de esquina. Virgínia balançou a pulseira dourada de berloques que se chocou contra o relógio de aço, seis horas. Estava explodindo de tanta impaciência. Acendeu um cigarro e tragou como se alguém a obrigasse. As unhas de silicone sempre pintadas de vermelho, ela que nunca teve unhas naturais desde os quinze anos. Estendeu com os dedos as sobrancelhas tatuadas. Era bonita. “Ele está lá em cima, estendi-o na cama, morto, Marcela, morto!”. Tinha me ligado tão calma... Calma, mas autoritária, a voz límpida: “Marcela, venha até o meu prédio agora, agora mesmo”. Então era isso, o amante (ou caso, namorado, nunca soube direito) tinha morrido, o tal... “Rodrigo, ah, meu Rodrigo... Jovem demais, demais”, e não me deixava perguntar o maldito motivo da morte, quase não me permitia abrir a boca, lamúria demais. “Eu dei tudo, sempre dei tudo, você sabe. Quis um Corolla, eu dei; quis um husky siberiano, dei, eu que detesto cachorro. Quis um saquinho de amendoins coloridos, uma vez, acho que para brincar, e eu também dei: toma, neném”. Os olhos vermelhos procuravam algo na copa das árvores da calçada, mas o quê? Por um momento tive pena de Virgínia. Sempre fora rejeitada, desde os tempos da faculdade. A herança, salvação. Veio correndo me dizer: “Vou comprar um amor, Marcela, vou comprar um amor!”, não duvidei. “Nem deu tempo de terminar o curso de Letras, gostava

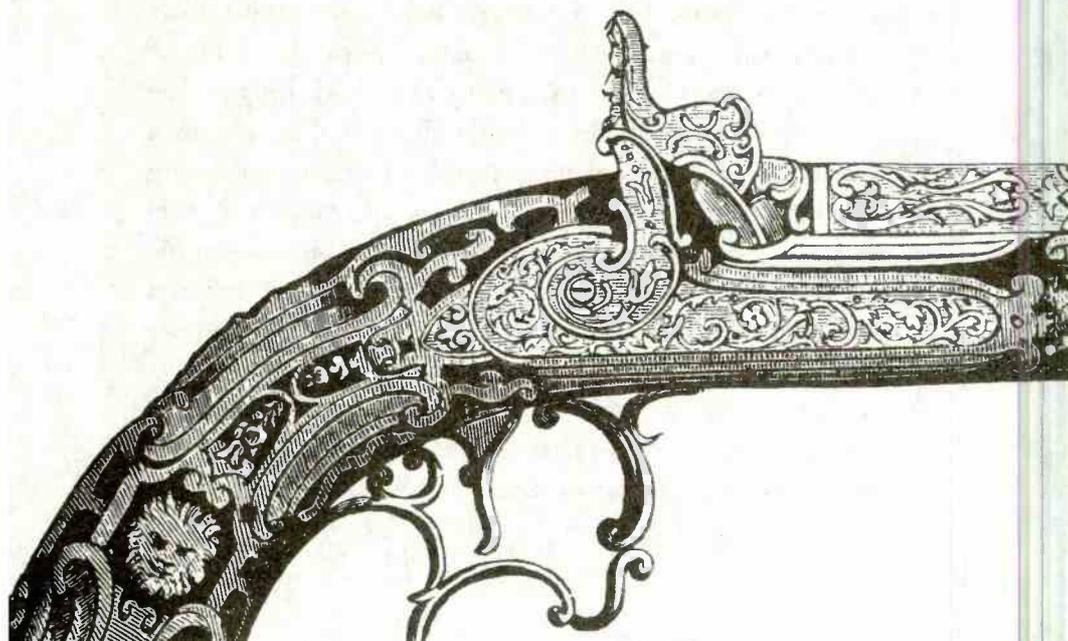
JÉSSICA FONTENELE

(Fortaleza-CE, 1989)

É estudante de Serviço Social na Universidade Estadual do Ceará. Escreve em blogs. Inédita em livro.

tanto. Continua lindo, você devia ir ver". Fiz o sinal da cruz. "Demorei a fechar os olhinhos, mais amedrontados que cinzentos, acho que sofreu. Te falei que ele tinha olhos cinzentos? Não? E os cabelos? Aquela maravilha de cabelo ficou escorrendo pelas bordas do edredom, parecendo morto também. Passava tardes cuidando daquela cabeleira enorme, tão macia. Queria guardá-lo no armário", e voltou a fumar com certa naturalidade. Endireitou-se na cadeira para falar mais perto do meu rosto. Estava bem maquiada: sombra lilás, rímel, delineador impecável. O lápis borrado nas pálpebras inferiores, era o choro. "As mãos... Um sonho. Grandes, mas não magras; um tantinho ásperas, que é preciso", e fechou os olhos como se quisesse avivar alguma lembrança das tais mãos, "Tão habilidosas. E incansáveis". Eu não imaginava que Rodrigo fosse um rapaz de vinte e cinco anos, sabia que era jovem, apenas. "O que mais me encantava era a timidez, na primeira noite demorou horas para abrir meu sutiã, e você sabe que essa de tirar a própria lingerie não existe pra mim", sorri, era verdade. "A roupa tinha de ser lavada com sabão suave, tinha alergia a quase tudo. Usava Polo Blue, adorava esse perfume, morreu usando, se você subir vai ver que meu quarto está impregnado", engoli um pouco de saliva, queria mesmo que eu o visse? "Adorava uns moranguinhos com mel, colocava entre os meus dentes e pedia para eu fechar os olhos, parece que sinto a boca dele aqui, agora. Sempre acabávamos na cama depois disso. Meu Rodrigo...", e tomou um gole de água com gás. Era fumante compulsiva, mas não bebia. "Tão poético quando ele levantava de manhãzinha e ficava sentado na janela quase nu, lindo, lindo, a pele parecia de ouro, tinha algumas espinhas no rosto, que era um menino, mas o corpo, impecável. Usava uma correntinha de prata no pescoço, nas noites de chuva eu me deitava por cima e sentia, tão fria, parecia gelo. Uma vez tive um embarço lá na empresa e voltei mais tarde do que costumava. Deitei com cuidado para não acordar o príncipe, mas ele se virou e me olhou com cara de emburrado, teria achado que eu estava com outro? Orgulho, só. Homem adora essas coisas de orgulho", e esmagou a ponta de cigarro sob o sapato marfim, finíssimo. Começava a escurecer. Olhou com indiferença

para o copo de vidro vazio e fitou-me calada. Suspirei. Mas de que o rapaz tinha morrido, como? “Vamos subir?”, e ergueu os olhos borrados, frios, como pedras já secas que foram tiradas da beira do mar. Tinha pavor de defunto, mesmo que fosse assim lindo, mas aceitei, quem sabe ela me diria a causa de tamanha tristeza? Eu é que não tinha forças para perguntar. Atravessamos a rua, entramos no saguão e subimos pelo elevador. Girou a chave com força. Silêncio. Entrou apressada e foi ganhando o corredor sem me esperar. Fui atrás. Na cama, o jovem deitado. Mas dormia. Dormia, eu podia ver seu peito descoberto oscilar levemente. “Preguiçoso”, ela disse, debruçou-se e lhe beijou as costas. Mas o que estava acontecendo? O rapaz esticou-se na cama e soltou um beijinho de bico. “Virgínia, que brincadeira é essa?”, gritei, mas ela fingia nem me ver. “Não, neném, nem me toque que estou um horror, vou tomar um banho com óleo de hortelã e saio todinha pra você”, beijou-o na boca e seguiu para o banheiro. Tirou uma arma da gaveta, respirou fundo e voltou ao quarto. “Não!”, mas não pude alcançá-la. Quando olhei para a cama vi um lindo rapaz morto com um tiro no coração, os cabelos escorrendo pela borda do edredom. No instante em que ela ainda tinha o braço estendido, reparei em seu relógio de pulso novamente. E ele marcava cinco e vinte da tarde.



SOBRE SALTOS.

Alada em seus saltos, ela vinha pra guerra de atenções exigidas. As longas fivelas cor de prata armando o cabelo impecável acompanhavam o estandarte rubro do riso.

Causava uma gama de impressões inconfirmáveis. Era aberta. Um grande abraço, menor que o sorriso. Um convite, um abraço. Tão forte, tão forte...

Quem não a conhecia? Sempre pouca para tantos e bastante para quem, de longe, a via dançar. Sozinha. Quase sempre dançava sozinha. Tinha a maestria de, com um aceno de adeus, reger despedidas em coro "fique mais...".

Despertava afetos de que se esquivava sutilmente, sequer os percebia(?), talvez se resguardasse daquilo que atraía tão imediatamente. Ficasse mais tempo, esgotar-se-ia sua bondade com aqueles. Renovava companhias. Outras caras, outros ânimos.

Amoça era como um livro novo. Outra leitura. Uma difícil novidade, a partir da qual se evolui... Mas, quem lia?

Por trás dos muros, as casas verdes de chuva não eram a dela. Morava no andar de cima, onde o lodo não alcançava. E, no cômodo em que guardava suas importâncias, frascos de tranqüilidade encapsulada descansavam na gaveta. Vários.

Ela colecionava embalagens de muitas coisas. À tarde, de sua janela impossível, colecionava passantes que não lhe viam. Fora, sempre alegre na multidão, com seus olhos orgulhosos, colecionava nada.



Joana d'Arc

Araújo

(Fortaleza-CE, 1982)

Cursa Letras na UFC. Publicou conto na coletânea Laboratório dois pontos (2006), editado pelo Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura. Inédita em livro.

o outro dono do fim do mundo



Jorge Pieiro

(Limoeiro do Norte-CE, 1961)
Mestre em Literatura Brasileira, escritor e produtor cultural. Tem textos em prosa e em poesia publicados em antologias, revistas e suplementos literários do Brasil e do exterior. É cronista no jornal O Povo. Publicou, entre outros, Fragmentos de Panaplo (1989), Caos Portátil (1999) e Bolha de Osso (2007).

Malaquias escorre pelas noites. Pedras, ouro, cartas, desespero. Carrega fantasmas sobre os burros. Há mais sombras e sons pelas trevas. Acredita ter finado em tempos idos a mancha de uma sombra. Deixara para trás o vácuo da notícia. Mas desta vez, depara-se com o cão. E abandona pedras, ouro, cartas, o desesperado, como fogem a galope os burros pelas quebradas e moitas e monturos de pavor. Dez dias, perdido no senso. Sem saber como, sente a mão ressequida de Belinha.

Belinha? É você?
Belinha, eu vi o diabo...

Se acalme, homem.

Isso é tresvario.

Eu vi, Belinha. Medonho. Na noite, aquilo nas trevas do fim do mundo. O diabo descamado. Duas brasas arregaladas nos olhos. Os chifres... Aquilo sim era o demônio, Belinha...

Besteira, Malaquias. Você nunca fez nada para ter essa sorte...

Anda pela noite, Malaquias é o silêncio vagando. O chão seco parece uma esponja absorvendo o medo que agora clama no baticum do coração de Malaquias. Há tesouro em suas mãos. Dinheiros, tesouras, réstias de botijas de um velho Estácio mandadas para outras vivendas. Cartaz, cruces para os próximos mortos, dentaduras e lampiões... No meio da noite, Malaquias não fala o que pensa. Pode o diabo ouvir a sua voz...

A casa estala com o sol nas telhas. Belinha escurece a vista, enquanto bebe a sopa fraca de carne de garça. Não vai nunca mais vai ser quenga de novo. Adora Malaquias como seu rei ou seu Deus.

Outro dia. Ele chega, um andarilho vestido de cinzas. Não há muita água para retirar o peso da noite e da terra dos ombros. Belinha se aproxima. Os olhos rachados é o chão perto do riacho, reabilitam uma faísca no dentro mais dentro da pupila. Malaquias resmunga os restos da noite.

Dessa vez não vi o diabo!

Você é um anjo, Malaquias...

Cismo que vai acontecer uma grande dor...

Não é maior dor eu viver sozinha?

Morrer é assim mesmo, a gente teve de nascer.

Malaquias, tenho tanto medo... Essa fome que não acaba nunca...

Vai mudar, mulher, vai mudar. Nem que seja no pior!

Não diga isso, homem.

É assim a nossa sorte, não é? Assim que vai acontecer.

Amém.

Resmunga seu amor por Belinha. Ela consente. Acende a lamparina, a fumaça tigna a parede já marcada. O amor bruxuleia.

Pela madrugada, Malaquias novamente se espanta.

A volta pelo mundo dos segredos atinge em cheio o pensamento de Malaquias. A dúvida, o sacrifício. Sozinho por esse

mundão, deslizando feito uma cobra venenosa na escuridão, carregado de recados, sonhos e encomendas, atrelado aos seus dois burros, pesados e atravessados pelo tempo. Também vale a sina para Belinha no meio da secura, solitária, garça desgarrada do bando, e por isso mesmo exposta às mãos do destino. Quando há solidão, Belinha enche o silêncio de bichos, olha a resistência das nuvens em se formar, arde ao sol, lagartixa sem nenhuma acrobacia. Quantos dias, meses, exausta-se no ermo daquele caramujo? Quando Malaquias chega, mais que apenas o Malaquias, pele-terra grudada no corpo, faz um trejeito, um esgar, recomendado como um sorriso de felicidade. É a vez da terra. E Malaquias aduba aquela terra árida, planta a semente meio morta, fraca e indesejada pela má-sorte. E Belinha enruga mais ainda os olhos, esquecida de todas as agruras. Malaquias é o seu homem, seu anjo, seu diabo de amar.

A noite passada com Malaquias, Belinha tivera um pressentimento bom. Esquecera a fome, o medo, a solidão. Malaquias tinha um brilho diferente na testa, os olhos. Pouco sabia dos segredos, mas sentira o choque da vida, a grande explosão dentro do útero. Sim, Malaquias seria pai pela primeira vez e, com ela, viveria um instante de alegria. No retorno, abrira-se para o homem.

Malaquias, estou cheia.

Fala sério, Belinha?

Deus vai me dar outro anjo...

...

Ele escuta, coça a cabeça. Abraça Belinha. E deixa um cisco cair dentro do olho, ferindo o espelho da alma.

O menino cresce no seco. Uma cara de cachorro. Grunhe, somente. O gesto engraçado de um duende no meio da caatinga. Ama os urubus. Cria um, Drã, assim acostumou a ave dos cadáveres a vir até ele para comer carne de calango morto na antevéspera com um caco de vidro. Marroquin tem nas caudas vivas a maior diversão. Belinha tem pena de Marroquin. Enche-o de mimos rudes. Malaquias sofre. Não se encara com o menino. Na aparência dele,

parece que vê o cão de novo. Desgosta quase por isso de Belinha. Ela sente a trave no coração, esticando a dor. Mas não fala nada. Desde que Marroquin nasceu, Belinha não fala mais nada.

Malaquias quase não vai mais em casa. Belinha e Marroquin se abandonam ao silêncio do sol. Esta noite, Malaquias sente o peito apertado. Noite de gelo na alma. A coruja rasga o pano do céu a gritos. Folhas secas dão motivos de espanto. A noite está diferente. Malaquias anda como se estivesse de olhos vendados. Os passos afundados vão macios, medrosos, em versão de calúnia e remorso. Neste instante pensa em Belinha, somente em Belinha. Reza por ela. Belinha sonha em casa, beliscada pela oração de Malaquias. Ele não se lembra, nem quer lembrar de Marroquin. Belinha acorda chorando um córrego de areia, que seus olhos não tem mais aquele mar. Marroquin se remexe no chão onde dorme, pois é ali que prefere trocar sementes com a terra. A noite é comprida nesta noite. Malaquias encosta-se para descansar. A respiração atropelando o pensamento. Belinha sua. A fome comprime seus nervos. Pressente. Marroquin grunhe. Parece sonhar. Parece ensaiar um riso pelo canto da boca, mais próximo a um esgar. Se se pode compreender, há felicidade dentro daquela cabeça desafinada, naquele instante. Agora, nesta hora exata em que uma luz queima a escuridão no meio do mato e parte para cima de Malaquias. Ele sente a urina inundar a perna. As pernas apodrecem, enquanto um gosto de poeira passeia pela língua. Malaquias fecha os olhos. Mais a claridade aumenta. Belinha, de tristeza e dor desfalece os sentidos. Marroquin grunhe de felicidade. É mesmo uma aura de felicidade pairando no instinto do louco. No meio desta noite, Malaquias se defronta pela segunda vez com o demônio. O bicho com a cara de Marroquin, um pesadelo, uma sombra, mas não é Marroquin é o diabo medonho beijando a face de Malaquias. O pavor é uma grande dor. Ele vai se encontrar com Belinha no lugar dos desmaios. Marroquin se aquieta. A coruja rasga o céu de uma vez por todas. A noite chega ao fim. Chega a mordida da manhã com um gosto de salitre e dois faróis acesos nos olhos esbugalhados

de Malaquias. Recupera a última força e se impõe à velocidade dos desesperados.

Malaquias? Malaquias? O que aconteceu?

Belinha espreita esse grito quando vê seu homem se aproximando, um trapo, o fim do homem. Malaquias vem acompanhado de olheiras acesas, as roupas rasgadas. As mãos ainda tremem. Belinha agarra-se com ele. Carrega-o para dentro de casa. Por aquela boca não sai nada.

Malaquias, Malaquias, o que aconteceu?

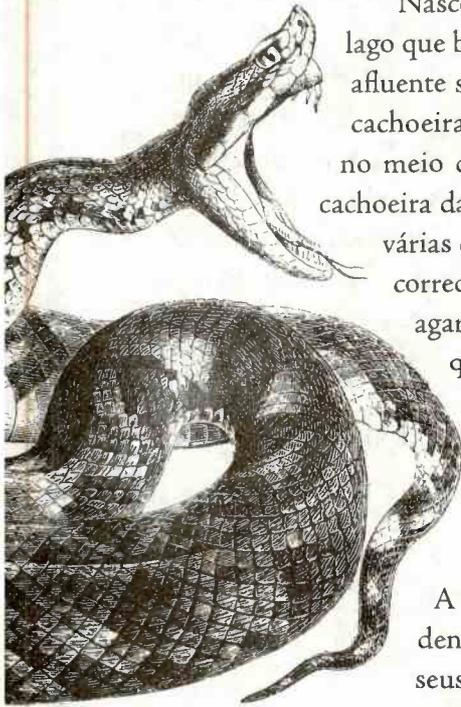
Marroquin acompanha a confusão à distância. Aperta seu Drã, como se soubesse da hora. Sai correndo sem olhar para trás. Atravessa o leito seco da lagoa, mira a serra por detrás, pisa na terra vermelha a pés largos e enfrenta o vento com uma coragem de Deus. Há pouco, encontra os olhos na cidade.

Malaquias maquina, Belinha desacredita. Ele chuta a porta, o barro do pote, o sol na terra, o piso do vento desacreditado. Enferruja o silêncio. Belinha se desativa no canto do chão. Nunca vira Malaquias tão diabo. Os olhos encarnados, os pêlos arredios, as mãos crispadas, a secura na garganta, o defronte do delito. Em direção à Belinha, dá-se sem se aperceber ao benzido e se apaga de senso. Começa a chutar Belinha, amaldiçoando o sol, o vento, o céu, Deus. Culpa Marroquin perdido lua-sol afora. E chuta Belinha, chuta o trapo, o molambo de carne seca, a dor engolida de Belinha, até que de nada mais só é dor o pé, a perna, o corpo, a cabeça, o desespero...



INASCÍVEIS

Para Simone, com quem
caminho de mãos dadas



Nascera numa fonte, num olho d'água. Um lago que borbulha no centro é hoje lá. Um magro afluente seu corre pro sul, alcança uma altíssima cachoeira, longas mechas de cabelos molhados no meio da floresta e despenca. Banhava-se na cachoeira das eras um vale de águas que se abre em várias direções, como uma rosa. Mas ali, entre corredeiras, ele está, vive. Resistindo, ele cresce agarrado ao tronco desabado de uma árvore que descansa. Abraçado a um galho que se banha, alimenta-se de fungos.

É preciso força para manter-se ali. O rio o quer por fina força e a água gelada cerra seus punhos nos calcanhares descalços do menino. Puxa.

A água pressiona-o, morde, crava seus dentes, aperta e a pele se rompe. A carne dos seus dedos está rasgada. O tronco reconhece nacos de carne, trapos de pele. O rio o quer a qualquer custo e luta, quer arrancá-lo de lá. Quer cansá-lo, mas ele resiste. Ele re-existe.

A muito custo ele conseguia manter-se ali. Mas não adiantava, ele sabia. Cedo ou tarde, teria que soltar o tronco e largar-se, deixar que o rio o retivesse entre seus cabelos, abraçasse-o entre seus segredos, amasse-o, entrançasse-o com suas turvas mechas já molhadas de mar.

Leo Mackellene

(Fortaleza-CE, 1980)

Professor de Literatura da Universidade Vale do Acaraú, em Sobral. É ensaísta, poeta e músico. Publicou o livro de poesia *O livro das sombras* ou o livro dos mais pequenos silêncios.

Segurou-se ali ainda por anos, mas sabia: a vida é inevitável, nada pode conter a força dos rios. Havia aprendido num livro que o que tem de acontecer tem muita força e as coisas são caras, muito caras. As coisas são caríssimas e o rio o queria, desejava-o, para sempre, até a calmaria.

Quando os rios têm o que querem, recuam até a intimidade das florestas e se transformam em lagos que se fecham, fecundados. Protegidos sob as águas, os não-nascidos.

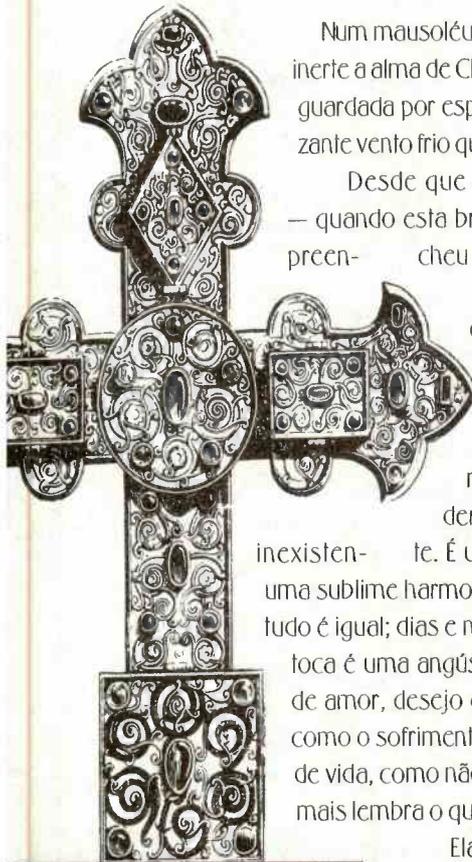
O inesperado ser formava-se lenta e pacientemente dentro do líquido, no escuro, sem que ninguém soubesse. É sob o chão que a semente apodrece. Afoga-se para dar fôlego à árvore que quer nascer. Mas uma serpente vivia no lago. Uma serpente que se alimenta do que ainda não nasceu. Alimenta-se do que ainda é desejo. Apesar dos ataques, o inesperado ser sobrevive.

O grito é o último vestígio do silêncio, é o silêncio se esvaindo. Em nós ele morre, esvaído em sangue. Gota, coagulada e diluída.

O ventre da terra chora, mas nós rezamos. Quietos, oramos para agradecer aquilo que não veio. Pela primeira vez, oramos, como se despertássemos, depois de anos, com o desespero e o alívio de uma bolha quando atinge a superfície. Como um baú perdido no mar que se liberta.

E na luz, pela primeira vez, respiramos.

SOBRE O LEITO FRIO CORTANTE



Num mausoléu qualquer de um mundo quase inexistente jaz inerte a alma de Christine. Outrora ela a enterrou e a mantém ali, guardada por espíritos sombrios, aves noturnas e um aterrorizante vento frio que às vezes sopra, às vezes não.

Desde que Christine resolvera calar a voz da paixão — quando esta brotava de seu coração — um vácuo abissal preencheu sua tão solitária e vazia alma.

Os dias de Christine eram cinzentos, frios, distantes e sem vida. E sua alma jazia inerte, adormecida como por encanto, sobre um leito frio cortante de pedra sepulcral.

Uma noite, numa gélida e negra madrugada, uma voz doce e suave parece se derramar por aqueles confins de mundo quase inexistente. É uma voz masculina. Notas musicais formam uma sublime harmonia. Christine está a sonhar. Em seus sonhos tudo é igual; dias e noites se repetem e o único sentimento que a toca é uma angústia que a consome e libera de si resquícios de amor, desejo e paixão. Mas Christine não mais sofre, pois como o sofrimento passou a ser uma constante em sua forma de vida, como não há a dialética da contradição, Christine não mais lembra o que é alegria.

Ela encontra-se sobre o leito frio cortante de pedra sepulcral. Ao seu lado está Nathan, que cantando lindas canções tenta consolá-la. Ele passa a visitá-la frequentemente; conversa com aquele corpo dormente submerso em dolente escuridão.

Christine não quer despertar lentamente sua alma, e então ela começa a sentir novamente o sangue a correr em suas veias, seu ventre se contorcer e vibrar, sua alma se agitar.

Mas Christine sabe que Nathan nunca será seu — que nem sequer irá tê-lo uma única vez em seus frágeis braços.

Lia Terceiro

(Fortaleza-CE, 1980)

Auricélia de Sousa Terceiro foi assassinada em sua cidade natal em circunstâncias ainda não totalmente esclarecidas, no dia 13 de agosto de 2007. Era aluna do Curso de Letras da Universidade Federal do Ceará.

Deixou vários contos inéditos.

Porém, ela delicia-se com novas cores até já esquecidas que passam a colorir e povoar seus antigos sonhos. A simples lembrança de Nathan já é alívio para suas intermináveis dores.

No início daquela singular amizade, Christine o tem apenas como o deveria ter — como um grande amigo. Todavia, Nathan lhe dispensa muitas atenções e carinhos, gentilezas que a encantam. Mas ela sabe inda que ele nunca será seu, embora já o ame eternamente em silêncio. Um amor “platônico”, de fato, concebido apenas num mundo ideal de enleios e devaneios, mas já tão transbordante de beleza quanto o orvalho matinal.

~ V ~

Uma nénia suave corre solta, viajando tristemente nos braços infundáveis do aterrorizante vento frio, que nesta noite sopra com todo furor, como se anunciando algo.

O mausoléu onde está Christine a sonhar seus sonhos cinza e repetitivos cheira a flores murchas de morte. São flores que Nathan oferta à sua eterna sonhadora. Ela tem sua face acariciada pelo brilho argênteo da formosa lua cheia que resplandece num céu adornado de brilhantes multicores.

Nathan nunca fora tocado por beleza tão mórbida e envolvente... seus lábios não resistem a um beijo terno e docemente estranho. Christine sentia sua respiração quente a percorrer-lhe a face fria. Algo dentro de si reagiu — sua alma parecia finalmente despertar de um quase eterno sonho.

As noites se passavam assim. Nathan a visitava, levava-lhe flores, tocava e cantava lindas canções e a envolvia de acalantos. Dizia-lhe palavras otimistas, falava-lhe o quanto ela era especial e promelia-lhe saciar seus mais latentes desejos.

Christine velozmente sente sua alma pulsar em seu estático corpo. O desejo percorre sua carne que antes gélida agora ardente em frêmitos se estira.

~ V ~

Christine sonhara doces sonhos a noite inteira, embora tal referência ao tempo não seja fiel à realidade, visto que seu mundo é onírico. Mas em tais sonhos Christine conversava horas ou quem sabe dias com sua fugidia alma.

Christine fala-lhe de seus sentimentos por Nathan, e que deseja sinceramente entregar-se àquele que lhe arranca suspiros mudos, mas perturbadores. Sua alma sente receio em atender seu pedido, que outras vezes foram infelizes.

Christine prepara-se para despertar. Será capaz de arriscar-se novamente no mundo misterioso e irracional do amor, ou da paixão, ou da simples atração dos corpos.

Ela havia tomado tal decisão cedendo à condição imposta por sua alma: que assim como um encanto tem seu tempo determinado, o encontro

concupiscente de Christine e Nathan seria esgotado logo que consumisse o ato lascivo entre os dois corpos aspiradores de pecado.

Em suas fantasias Christine desenhava Nathan. E ele continuava amável e mostrando-se interessado como sempre, embora noivo de outra — sim, o coração de Nathan pertencia a outra, mas Christine não queria seu coração, queria apenas seu corpo.

Depois de calorosos beijos e promessas de prazer Nathan parte mais uma vez. A lua vai alta nos céus acompanhando-o em mudo silêncio.

Christine está a despertar. Preparar-se-á para esperar seu desejado e aparentemente desejoso amante. O dia caminha como que rastejando dolorosamente.

O crepúsculo se derrama nos céus.

A noite se faz chegar.

Christine espera ansiosamente Nathan. Como é doce revê-lo e tê-lo perto de seus frágeis braços. Ela o lembra de sempre em sempre. Sua imagem a assalta mal educadamente e ela sente mesmo assim deliciar-se em lembranças que a fazem sentir-se novamente viva.

Nathan é chegado. Ela a cumprimenta sem espanto ou emoção. Algo brilha estranho em seu olhar. Christine fala-lhe de seus sentimentos e de quanto a saudade a tortura quando ele está distante.

~ V ~

“Lacrimae aeternae”.

O coração de Christine quebra-se como frágil cristal. Suas fantasias despedaçadas aos seus pés. Ela não chora a perda de Nathan, pois já sabia que ele jamais seria seu, mas o que Christine lamenta é não ter seus anseios realizados; anseios despertados por aquele que a abandona em seu leito frio cortante de pedra sepulcral.

Uma nênia suave invade violentamente o mausoléu sombrio de Christine. Flores murchas de morte dançam pelo chão vestido de folhas secas e mortas como a alma de Christine agora está.

Nathan parte para sempre da vida de Christine e de sa vez a presente não com flores e gentilezas, mas com fantasias desfeitas pelas mãos do próprio criador.

~ V ~

Portas são sacudidas pelo vento frio aterrorizante. Christine lança um último olhar para Nathan, que desaparece por aqueles confins de mundo quase inexistente.

Christine deita-se sobre o leito frio cortante de pedra sepulcral e mergulha novamente no mundo cinza e repetitivo de sonhos que servirão novamente de túmulo para sua tão solitária e vazia alma.

CINABRE

A tarde, lá fora, caía: a fresta de sol dormente atravessando a janela e batendo em seus pés. Deitada na cama, livro na mão, podia entrever o céu vermelho e borrado, desmanchando-se. Quem olhasse para o céu assim, em flor, poderia ter a impressão de que seu jugo era leve e o mundo, bom.

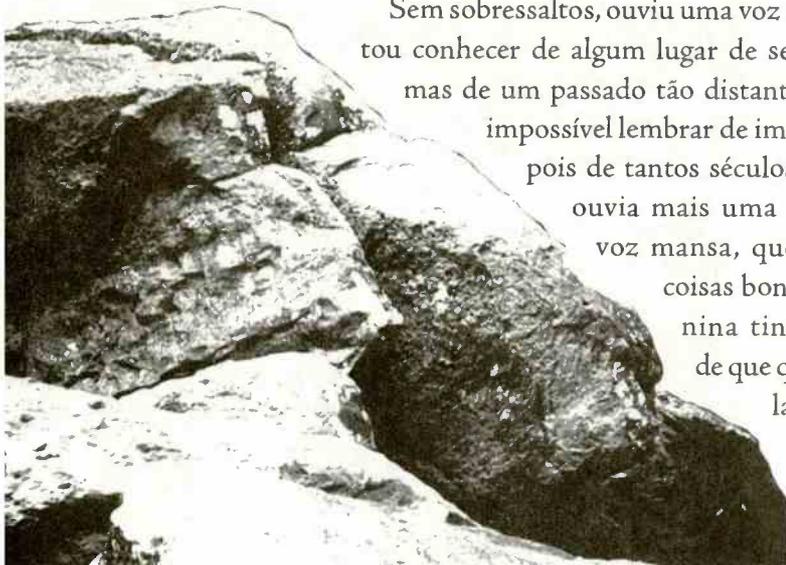
Ador-meceu; sua visão, antes completamente enegrecida, já conseguia divisar melhor o ambiente em que estava. Apenas um lugar envolto por leves brumas; não tinha paredes, mas também não era muito aberto: a estranha sensação de que se encontrava dentro de uma nuvem. A luz que alumiava aquele céu e trespassava aquela névoa era azulada, e tão suave que quem estivesse lá não precisava de mais motivos para se sentir em paz.

Sem sobressaltos, ouviu uma voz que suspeitou conhecer de algum lugar de seu passado, mas de um passado tão distante que seria impossível lembrar de imediato. Depois de tantos séculos, milênios, ouvia mais uma vez aquela voz mansa, que lhe dizia coisas bonitas. A menina tinha certeza de que quem lhe falava não era

Lucíola

Limaverde

(Boa Viagem-CE, 1988)
Cursa Comunicação Social
– Jornalismo, na Universidade Federal do Ceará.
Inédita em livro.



desconhecido, nem jamais seria; entretanto, não sabia lembrar de quando nem de onde já o conhecera.

A neblina aos poucos se foi desfazendo, até que conseguiu vê-lo. Você...

Um sorriso. Muitas recordações vieram em forma de turbilhão em sua cabeça: campos, pedras, grandes pedras, a Grande Pedra. A natureza, os bosques: velha religião.

Uma lágrima. Obrigada por me ser possível.

Sentiu-se de repente puxada pela realidade; olhou de soslaio para trás e percebeu que deveria voltar. Ela já não tinha certeza de que estava acontecendo, e foi terrível quando pressentiu que aquilo em breve se perderia de alguma forma.

Abriu os olhos e virou-se: os óculos perfeitamente colocados em cima do livro. Sentiu o rosto molhado, pequenas gotas de diamantes haviam rasgado sua face. Apesar de tudo, sentia paz e uma estranha saudade de algo ou alguém que não sabia bem o que era, uma melancolia quase alegre.

Debruçou-se na janela e ficou olhando a tarde ir-se embora, afundando com o Sol.





O GRITO

O violino não toca sozinho. E, na sala, permanece intocado no armário, enquanto espera nada distraído o desenlace das cordas.

Está tenso, apesar de inerte; está sujo, muito embora livesse o som limpo como poucos. E ali continua onde a menina o havia deixado, tanto tempo tinha que já andava mulher. Antes, a menina e o violino; hoje, a Izabel e o sozinho, a Izabel e o mocinho, mas ele, ele próprio já não lhe figurava entre os amigos. Permanecido, esquecido qual lembrança antiígia, remota, talvez morta, até, e Izabel entra e sai da sua casa. Entre saias e vestidos, esquecera o seu amigo.

Ele, enquanto isso, relembra canções calado, colado à parede do armário, forçando pelo dia em que ela o abra e ele lhe caia aos braços. Ele precisa falar, está preso de tantas frases no corpo, gritantes, quase ousa mesmo gritar. Não grita, não porque não pode, mas por medo de acordá-la.

Ela dorme.

Ele foge do silêncio torturante... Ela nem nota.

Até que, um dia, o sobrinho da Izabel-mulher, brincando pela casa, resolve abrir o armário. Tão extasiado o violino, salta aos braços sem saber de quem. O menino, assustado, corre de pronto.

E o violino, ao cair, quebrar-se aos montes, ouve mal a mal o grito da outrora-menina, ouve mal porque se concentra, feliz, no canto que tanto queria.

cantou o seu som inteiro, no baque do chão e desenlaçar das cordas.

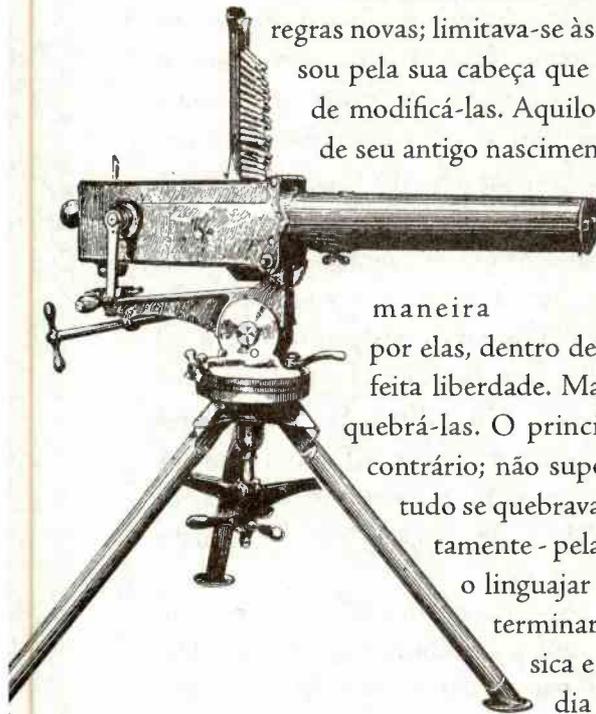
Marília

Passos

(Sobral-CE, 1987)

Estudante de Direito da Universidade Federal do Ceará, publica seus contos no blog Do Infinito Impreciso. Organiza também as atividades do grupo "Por Mais Leitura". É inédita em livros.

O VELHO GRAMÁTICO



Vivia num mundo de regras feitas e sequer criou regras novas; limitava-se às que já existiam e nunca passou pela sua cabeça que um dia poderia ter o poder de modificá-las. Aquilo que já existia antes mesmo de seu antigo nascimento só poderia ser o cerne do

universo, do seu universo. Obedecia às normas e não concebia viver de outra

maneira que não fosse enclausurado por elas, dentro delas. Viver preso era sua perfeita liberdade. Mas não bastava somente não quebrá-las. O principal é que não suportava o

contrário; não suportava quem as quebrava. E tudo se quebrava à sua volta, a começar - justamente - pelas regras. No começo, apenas o linguajar horrível, raso, mal feito... A

terminar pelas roupas, atitudes, música e toda a estética... Aquilo um dia foi/será belo?

Viver era, portanto, uma grande dificuldade e uma força impossível era feita todos os dias para isso. Por mais que se recusasse a viver, já cansara disso há tempos, sempre algo incomensuravelmente maior o impelia a isso. Era difícil viver, mas posto que parecesse ser a única via para existir, continuava resignado. Gostava de existir e não pensou nunca em morrer, apenas em parar de viver, e não cria cessar de existir com isso. Ainda sonhava com os tempos passados

NÍLBIO THÉ

(Florianópolis-SC, 1980)
Técnico em Cinema, Vídeo e TV pelo Instituto Dragão do Mar. Formado em Artes Visuais e pós-graduando em Arte e Educação, pelo CEFET. Roteirista de Quadrinhos, Teatro e Audiovisual. Inédito em livro.

e ansiava por esses sonhos, sua única rota de fuga. Seu presente era absolutamente pretérito, exceto quando um indício do novo tempo o acordava de suas divagações.

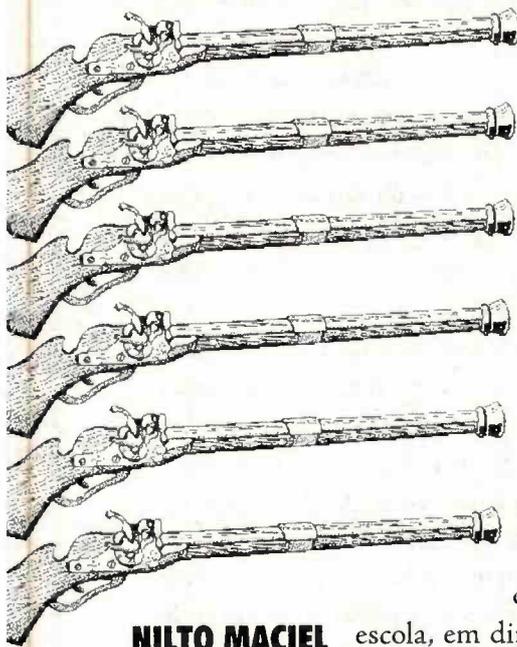
A vida era uma eterna saudade, uma falta de tudo que lhe era semelhante. Teimou em existir quando tudo à sua volta já não existia mais. Era tudo estranho. Era alguém que vivia em atraso. Tivera sua morte estúpida, irônica e inexplicavelmente adiada, atrasada. Sarcasmo era outra coisa que não suportava, mas não atinava de onde vinha isso, não achava culpado, e a impotência também não era suportada com facilidade. Vivia a contragosto no agora, até achar o refúgio quase seguro de seus sonhos. Passou a sonhar acordado, fugas oníricas onde vivia confortavelmente seu presente pretérito. Não sonhava nunca o futuro, sempre o passado e pensou que viveria para trás, se possível fosse.

Seus amigos, não que fossem muitos, morreram todos, as músicas que lhe embalaram a juventude já não tocavam com facilidade. Dependia das mãos alheias para apertar os botões do cd player, imundície moderna filha da boa radiola. O aparelho era tão alheio a ele quanto era a juventude à sua velhice. Tudo de bom ele já vivera, que sentido tinha continuar no vácuo? Era um teimoso, era o último sobrevivente, era anacrônico e vive apenas por contradição. Contradição do quê, não sabia ao certo, mas desconfiava ser por contradição de muitas coisas.

Certa manhã, ao ser tocado pelo primeiro raio luminar, teve um lampejo; decidiu acabar com tudo. E no enfatiado passeio matinal de todas as manhãs – já que não poderiam ser vespertinos, por recomendações médicas – no centro da praça, sob o sol das nove e trinta, puxou do suéter uma metralhadora – a única invenção da modernidade que ainda valia alguma pena. Metralhou, com um sorriso no rosto, todos os que por lá passavam, começando pelas crianças e terminado com todos os outros que vivessem fora da realidade (da sua realidade). Quando abriu os olhos, percebeu que o mundo continuava. Desistindo, voltou para si a arma e, enterrando-a no peito, puxou determinado o gatilho. Morreu feliz até abrir os olhos e perceber, segundos após, que não bastava morrer para acabar com a vida. Triste, chegou a casa; viveria morto até os cento e doze anos.

AS PEQUENAS TESTEMUNHAS

Ela nunca se atrasava e sempre saía depois de nós. Cheguei a pensar que ela morasse lá. Ou fosse a dona do prédio. Não podíamos deixar a sala de



aula sem a sua permissão. E muito menos passear pelos arredores da escola. Durante o recreio, ficávamos nas imediações das salas, passeando pelo corredor estreito ou olhando para o mato. Uma ou outra árvore apenas. Onde estivéssemos, víamos o campo em toda a sua extensão. Parecia não haver outro prédio além do nosso. Assim, tínhamos ânsia de conhecer aquilo tudo. Embora não tivéssemos esperança de encontrar nada de bonito ou interessante. Queríamos saber, porém, para onde eram levados aqueles homens que diariamente passavam diante da

NILTO MACIEL

(Baturité-CE, 1945)

Um dos criadores da revista *O Saco*. Edita, desde 1991, a revista *Literatura*. Vencedor de vários prêmios literários. É um dos mais importantes escritores do Ceará.

Tem extensa obra nos diversos gêneros literários, destacando-se como contista e romancista.

Recentemente foi ganhador do Edital de Literatura do SECULT com um livro de ensaios sobre o conto cearense.

escola, em direção ao campo. Iam cabisbaixos e tristes, algemados, cercados de soldados armados. Nos primeiros dias perguntamos à professora quem eram aqueles homens e para onde iam. Ela permanecia calada por alguns minutos, como se de nada soubesse. Depois respondia: "São inimigos da Pátria e estão presos". A resposta não nos parecia clara. Queríamos saber então o significado de "inimigos da Pátria". Finalmente ela se zangou. Não queria mais ouvir uma só pergunta sobre aqueles homens. Diante disso, passamos a procurar em nós mesmas respostas às nossas perguntas.

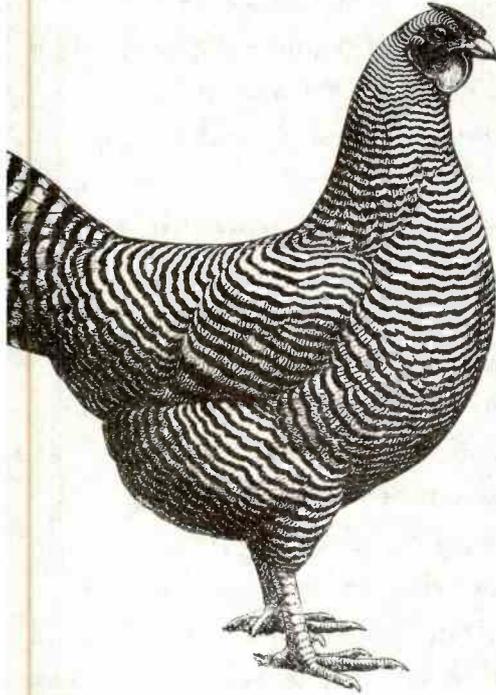
“São ladrões”, diziam umas. “Mataram criancinhas”, diziam outras. Chegamos a trocar insultos, tal a vontade de parecermos as mais sabidas, cada uma se dizendo a dona da verdade. Resolvemos então procurar de novo a professora. Mais uma vez ela se zangou. Insistimos, insistimos. Afinal, respondeu: “Quiseram derrubar nosso governo”. Ficamos ainda mais insatisfeitas. Ora, não sabíamos o que era governo nem onde estava, para poder ser derrubado.

No recreio, voltamos a discutir: “O governo é aquele prédio alto da Rua Marechal Deodoro, onde os soldados moram”, dizia uma. “São as ruas, as fábricas, os carros pretos e os prédios altos”, dizia outra. “Mas como é que os inimigos vão derrubar as ruas?”. Perdíamos nosso tempo de recreio nessa discussão sem fim. Quando aqueles homens tristes passavam por nós, ficávamos também tristes, e perguntávamos a nós mesmas para onde iriam eles. Minutos depois ouvíamos estampidos e nos assustávamos. “O que foi isso?”. A professora se irritava: “Vocês estão aqui para estudar e não para se preocupar com os treinamentos dos soldados”.

Um dia, algumas de nós chegamos antes dela. Com pressa, poderíamos descobrir tudo. Bastava seguirmos a mesma trilha diariamente percorrida pelos soldados e presos. Alegres, corremos, livrando-nos dos espinhos e das pedras. Adiante, olhamos para trás e não mais vimos o prédio da escola. As mais medrosas quiseram voltar. A maioria, no entanto, insistiu na caminhada. Devíamos descobrir para onde eram levados os “inimigos da Pátria”. Quando menos esperávamos, ouvimos tiros. Quisemos correr, assustadas feito passarinhos. Tremíamos de medo. Algumas se puseram a chorar: “Eles vão nos matar”. Resolvemos, as mais afoitas, dar alguns passos em direção ao local onde deveriam ter sido dados os tiros. Então vimos alguns soldados de armas na mão, a olhar para dois homens. Com certeza, “inimigos da Pátria”. Pareciam com aqueles que diariamente passavam diante da escola, tristes, cabisbaixos, ensangüentados. Apavoradas, voltamos correndo. Cansadas, sem fôlego, contamos nossa aventura para as outras meninas e a professora: Furiosa e nervosa, feito uma louca, pôs-se a gritar: “É tudo mentira; vocês não viram nada disso; aqui ninguém mata ninguém!”.

Dias depois, nossa escola foi cercada por um muro muito alto. Mesmo assim, continuamos a ouvir estampidos.

MENINA NO CAMINHO



Ondjaki

(Luanda, Angola, 1977)

Ficcionista e poeta, tem 8 livros publicados, dentre os quais, os de narrativas curtas *Momentos de Aqui* (2001), *E se amanhã o medo* (2005) e *Os da minha rua* (2007). Escreve para cinema e co-realizou um documentário sobre a cidade de Luanda (*Oxalá cresçam Pitangas – histórias de Luanda*, 2006). É membro da União dos Escritores Angolanos. Alguns livros seus foram traduzidos para francês, espanhol, italiano, alemão e inglês.

a menina despertou com a enorme ramela a picar no olho esquerdo, levantou da esteira com o corpo quente dos suores da noite e viu a galinha entrar em casa – velho hábito – para ir beber água na borda de uma bacia onde a roupa estava de molho desde cedo,

a menina empurrou a porta, a porta cedeu, às vezes é só assim, a mesma abertura que indica o caminho do amor e da vida, propicia a gulodice da morte, cruzou a

porta – a menina, saiu,

a galinha cessou a bebericagem mansa e veio ver, andando, olhos em busca de uma comida errante que nunca havia, a menina – três anos – cruzou o quintal pequeno, não mais olhou a galinha, ouviu a vida da rua, a gente humana toda num fulgor de buzinas, fumos e os pés pisando com força a lama, a chuva traz recordações

húmidas, soube-lhe bem a lama nos pés recém vindos de um sonho bom, não parou, a estrada tão próxima e o impulso só – empurrando o corpo tão infantil para o circo onde, ao sol, as auras dos transeuntes bailavam em «rebita» colada com os corpos,

a galinha, antiga atravessadora de perigosas estradas parou o movimento das patas, o pescoço irrequieto seguiu dançando leste-oeste, o olhar também, e quem viu mais foi ela, a galinha, depois da lama, o asfalto sujo sustentava o trânsito que trouxe um carro como os outros,

a menina circulava, como as outras, em direcção ao outro lado da rua, a água – lá dentro – repousava quieta na bacia, o pai saíra cedo para trabalhar no aeroporto – é gente que está cá dentro e espera gente que vem de tão fora, e a mãe cedo saíra, antigo hábito de os dois confiarem num sono de manhã prolongada para, junto do meio-dia, a amiga chegar, acordar a menina, limpar a ramela, dar de comer, controlar as brincadeiras dela lá fora mas dentro do quintal, as brincadeiras da menina com a galinha, correrias, tropeços de choro e contentamento, até à chegada – fim do dia – dos pais, a mãe primeiro – sorriso e pão, o pai depois – sorriso só, tudo, tantas vezes, três anos antes do dia em que a amiga não veio e a bacia quieta de um sabão flutuante repousava no interior da casa, e a galinha viu – a estrada e o carro, a galinha é que viu!, regressando entristecida ao quintal, recolhendo-se num canto escuro, perdendo o desejo de debicar após ter olhado a estrada e o carro, o carro e a menina, a menina e os olhos fechados numa travessia última até perto – perto demais – do outro lado da vida,

O BANHO



Patrícia Tenório

(Recife-PE, 1969)

Analista de Sistemas, pós-graduada em Administração Financeira e Gestão Empresarial. Estreou na antologia *Contos de Oficina* (2004), organizada por Raimundo Carrero.

Publicou *O Major - Eterno é o Espírito* (2005) e *As Joaninhas Não Mentem* (2006).

Lara rodou a chave lentamente na ferrugem da porta. O ranger quebrava o silêncio do apartamento alugado, chão de madeira velha, quarto cozinha banheiro sala se misturando nas cores do fim de tarde. Encostou o cavalete na pia, guardava a aquarela no armário empoeirado.

Esquentou um guisado de outro dia, os vapores acordando fome, os poros se alicavam e gotas pequenas, salgadas. Ainda havia um pouco de cabernet. Completou o último gole, juntando com as garrafas verdes, azuis, amarelas no canto da lixeira. O perfume inebriando, trazia a noite, a noite que o via, ouvia o cantar do violino, fino, denso. Tocava as cordas brincando, o menino. O menino homem. O menino vivo.

Deixou o vestido amarelo, longo, o avental cair em tubo, rápido, convincente. Trazia a mostra do desenho, a cópia, o quadro original não lhe saindo do espírito. Embecendo pincel na creolina, retirava a pasta grossa e concisa de cada nota tocada, cada canto escondido, que descobrira, fizera luz, criatura nascente das mãos delicadas.

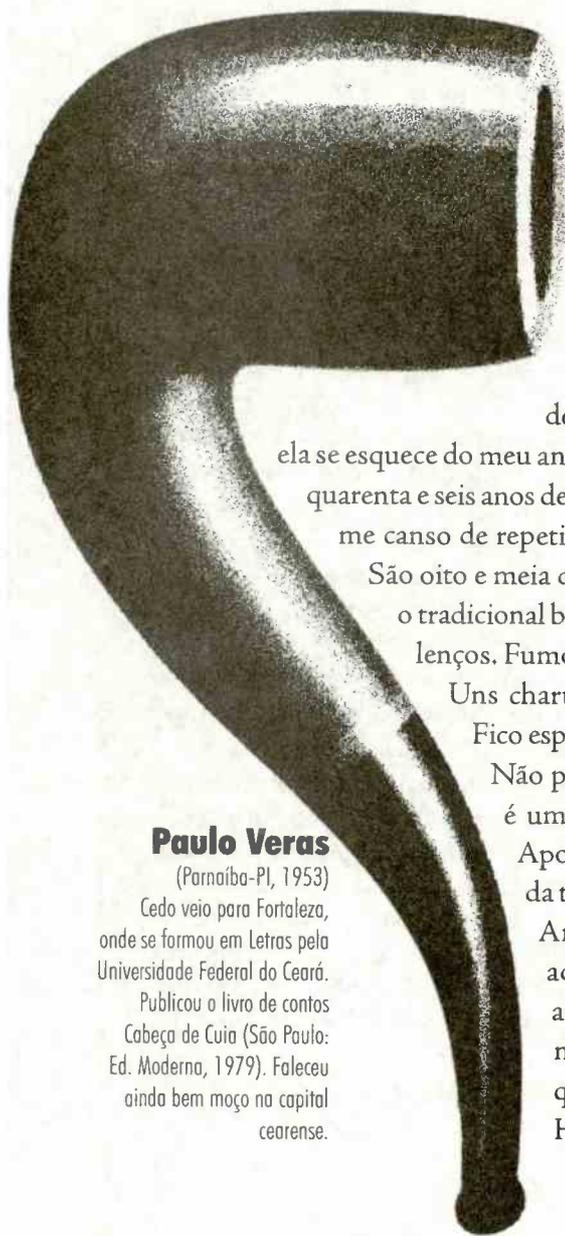
Estava úmida a pintura. Poderia mudar os contornos, fazer outras formas, desrespeitar o artista. No realismo cruel, sanguinolento, tirando-lhe a chance da novidade, haveria inspiração? E buscava, buscava o minuto, os dedos correndo o pescoço, a espuma lavando um dorso, a nuca, um ventre. A odalisca descendo véu, outra virgem lavando-lhe as costas, os óleos escorreram até o sexo, quente, o sexo flamejava em pedidos dúbios, trazendo a origem do mundo para mais perto, microscopicamente mais perto, nos óvulos e espermatozoides perdidos, nas carnes trêmulas de anseios negados.

As moças do harém levam os mantos sagrados, a cerimônia de núpcias inicia. O linho branco a enxugar-lhe pele, cabelos arrumados em colar de tranças, douradas tranças de fim de tarde. Morde uma cereja, a noiva morde. Deixa o mel entrar-lhe âmago, destempera a silhueta pura, preparada ao senhor das armas.

A espada cortando o tecido desvanece sobre os lençóis de cetim róseo, roçando cadente a cada investida. Um líquido trilha as pernas de Lara enquanto encosta a cabeça na banheira de louça branca.

Chove. Gotas grossas assustam as paredes na Rue des Saints-Pères.

O ANIVERSÁRIO



Paulo Veras

(Parnaíba-PI, 1953)

Cedo veio para Fortaleza, onde se formou em Letras pela Universidade Federal do Ceará.

Publicou o livro de contos *Cabeça de Cuiá* (São Paulo: Ed. Moderna, 1979). Faleceu ainda bem moço na capital cearense.

Cá estamos os dois. Eu e Ela. Sentados na sala um de frente pro outro. Leio um conto em *Seleções*. Ela borda um vestidinho pra neta. Todas as noites são iguais. Esta pelo menos não deveria ser. É a primeira vez que ela se esquece do meu aniversário. Não perdôo. Já se vão quarenta e seis anos de convívio. É a primeira vez. Não me canso de repetir. Fico martelando no cérebro. São oito e meia da noite e ela ainda não me deu o tradicional beijo ao pé do ouvido e a caixa de lenços. Fumo pra cachimbo Half and Half. Uns charutinhos. Disso tudo eu gosto. Fico esperando. Ansioso. Feito menino. Não perdôo jamais. Vida de velho já é uma grande merda. Aposentado. Aposentadoria minguada. De merda também. Poucas alegrias temos. Aniversário é uma delas. Não adianta negar. Talvez não nos amemos mais. Qual amor qual nada! A essas alturas o máximo que fazemos é nos suportar. Hábito. Puro hábito. Há quem

diga: Que casal feliz! Que coisa mais bonita! Pra puta que pariu a felicidade! As mãos dela não param de bordar. Algumas rugas pas-seiam fundas por elas. Umhas veias azuis intumescidas. São belas as mãos. Gordas. Macias. Unhas trincadas como vidraça. Cristal mal lapidado. Quando começamos a namorar primeiro apaixonei-me pelas mãos. Duas nuvenzinhas cor-de-rosa. Ela, nos seus quinze anos. Brotinho, brotinho. Sentia enorme tesão por aquelas mãos. Sonhava com o dia em que segurassem o meu pau. Acariciassem. Arrepiava-me pensando. Ejaculava sozinho na cama. O bordado do vestidinho tá ficando bonito. Mãos de fada. Adora as netas. Faz todos os gostos. Não digo que eu também não goste das minhas netas. Gosto sim. É que sou mais esquisitão. Gosto do meu modo. Fico irritado às vezes. Não nego. Barulho demais me irrita. Ela não se irrita nunca. Paciência de Jô. Os olhos dela por trás dos óculos de aro dourado. Eram azuis. Agora não sei que cor estão. Opacidade dos anos. Os olhos não se desviam do bordado. Uma laçada aqui. Outra ali. Um pontinho mais arrochado pra melhorar o matiz. Mais uma perna de linha lambida, entesada com a ponta dos dedos e enfiada no fundo da agulha. São nove horas. Termino de ler o conto da Seleções. Decididamente ela não vai se lembrar. Tenho de me conformar. E pensar naqueles versos do poeta português: “Hoje já não faço anos. Duro. Somam-se-me dias”. Não, não me conformo não. Ora merda! Por que haveria de fazê-lo? Fuzilo um olhar de ódio na direção dela. Velha esclerosada. O que esperas tu da vida? Nada evidentemente. Estás só o bagaço. Não trepas há quantos anos, meu amor? As pelancas se balançam débeis nas tuas coxas finas. Tua bunda é uma ruga só. Funda. Oca. Teus peitos já se encontraram como rios de água estagnada. Agora formam um só. Uma massa compacta. Disforme. Há quantos anos não rolamos nos lençóis cheirando a engomado. Vão longe os anos em que isso era possível. Banho morno antes de deitar respirando a fresca da noite. Cheirinho de lavanda na carne macia. Gostinho de leite no peito inchado: sobra do resguardo do primogênito. Mordiscada no biquinho rosado. Impossível odiá-la. Retiro a ofensa que a ela dirigi em pensamento. Penitencio-me por isso. Que diabo! A noite

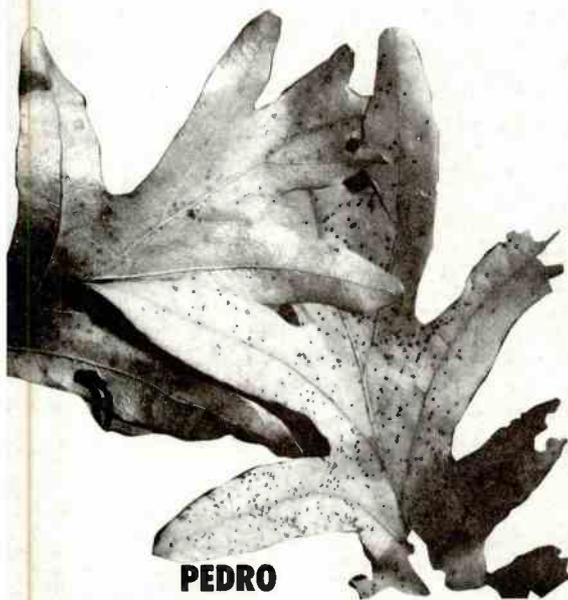
ainda não terminou. Quem sabe ela me reserva uma surpresa maior do que nos anos anteriores. A televisão ligada. Mais um capítulo de novela que se finda. Ela se levanta. Vai até o aparelho. Gira o seletor de canais à procura de um bom programa para o final da noite. Um musical vai bem. Ou quem sabe um filme policial. Resolve-se pelo filme policial. Kojak. As mãos e os olhos retornam ao bordado. Estou quase a cochilar. A revista aberta sobre o peito. As mãos derreadas ao longo do braço da poltrona. As pernas abertas. Os bagos murchos. Pendurados dentro das calças. A boca aberta. Começando a risonar. Dois dentinhos de ouro reluzindo na dentadura postiça. Um fio de baba escorrendo no canto do lábio. Como é ridícula a figura dum velho dormindo! Causa dó. Ou talvez asco. Gente velha sonha pouco. Dorme pouco. Quantos velhos morrem todos os dias? Nos hospitais. Em quartos de pensão. Em asilos. Nos manicômios. Sei de tudo isso. Sei também que ela pode estar me olhando e pensando nisso tudo. É um direito que tem. Ela também é velha. Como eu. Os velhos têm sempre pensamentos comuns. Sobre a vida. Sobre a morte. Uma mosca passeia afoita na minha boca escancarada. Pousa na baba grudada no canto do meu lábio. Levanta vôo rápido. O bordado chegou ao final. Ela o guarda na cestinha de costura. Amanhã vai levar o vestidinho pra neta. É aniversário dela. Desliga a televisão. Bate no meu ombro pra que eu vá deitar-me na cama. Sono de cadeira não descansa ninguém. Vamos deitar que já é tarde. Apaga a luz da sala. Hoje faço 74 anos, viu, meu bem? Penso sozinho ao arrastar os pés pelo corredor em direção ao quarto.

EFEITO ESTRANHAMENTO

Os olhos fechados movimentam-se rapidamente. Aos poucos a ausência cede à consciência e ele se vê num cruzamento de ruas escuras, desertas. Olha para o alto e percebe um céu leitoso, coberto por densa névoa que envolve uma lua opaca, sem vida. Subitamente uma espécie de vertigem nauseante o desequilibra quase o fazendo ir ao chão.

Uma sensação opressiva apodera-se de sua alma, como uma apreensão que lhe instiga os sentidos e lhe inquieta, fazendo-o caminhar à principio lentamente, mas que mais e mais lhe aperta o passo-a-passo, apressa-se com peito palpitante, corre tonto, pisa forte, foge pasmo, segue tensa e secamente, respirando arduamente inspirando instigado, expirando espantado, arquejando apavoradamente cai.

Sibilante sopra um vento gélido que faz tremer de frio o corpo prostrado no negro asfalto da rua esburacada. Vagarosamente se ergue e assombrado olha a sua volta, distinguindo alguns prédios que, de tão deteriorados, lhe espanta o fato de ainda estarem de pé. E por suas janelas, das quais não se percebe a mínima iluminação, vê-se que se tratam de construções fantasmas. Ouve o farfalhar de folhas secas que o fazem notar uma fileira de árvores retorcidas, aparentemente



PEDRO

FONTENELE

(Manaus-AM, 1987)

Reside em Fortaleza, onde é estudante de Filosofia na Universidade Estadual do Ceará. Escreve contos, também é músico (clarinete, piano e flauta). Inédita em livros.

mortas, por terem folhagens completamente murchas e enegrecidas. Um desconforto no estômago e um gosto amargo na boca o fazem escarrar uma pasta avermelhada de pus e sangue.

O incômodo intensifica-se numa dor crescente que lhe afeta o movimento das pernas, tornando sua locomoção cada vez mais sofrida. Aos poucos, um forte odor de carne podre vai assumindo proporções intoleráveis, quando como que grunhidos horripilantes lhe apavoram, fazendo-lhe correr o máximo que suas forças e as dores excruciantes permitem.

Uma chuva muito fina passa a cair, com gotas cortantes que queimam sua pele até a carne viva, ardendo insuportavelmente corroendo, provocando-lhe espasmos de agonia sempre crescente. Ele regurgita um líquido viscoso, horrivelmente amargo, que lhe engasga, lhe sufoca.

Ouve o barulho sinistro de vozes sussurrando palavras ininteligíveis, juntamente com vultos aterradores que lhe cruzam o caminho, passando a lhe rondar o derredor, quando como que ranger de dentes e gritos terríveis lhe enlouquece completamente, ao aspirar um odor pestilento de uma exumação cadavérica, fétida, infecta, imunda, e – horrível – sente que o cheiro vem de seu corpo que apodrece inteiramente, perdendo-lhe a sustentação, fazendo-lhe se espatifar numa enorme poça de lama.

E lá seu corpo dissolve-se lentamente numa massa pútrida de ossos e carne purulenta.



ALÍVIO



Pedro Salgueiro

(Tamboril-CE, 1964)

Publicou os livros de contos *O Peso do Morto* (1995), *O Espan-talho* (1996), *Brincar com Armas* (2000) e *Dos Valores do Inimigo* (2005), além de *Fortaleza Voadora* (2007), de crônicas. Participa das coletâneas *Geração 90*, *Contos Cruéis* e *Quartas Histórias*, dentre outras.

Nunca os inimigos estiveram tão próximos dos vilarejos. Pelo menos foi o que pensamos naquela manhã em que todos acordaram com um pequeno tumulto no meio da rua. Várias pessoas discutiam em voz alta, andando de um lado para o outro como se estivessem aflitas; outras permaneciam nas calçadas, mas se punham na ponta dos pés, a mão em pala sobre os olhos a mirar o infinito. De início pensei se tratar dos burros do correio que há dias não chegavam com a correspondência, no entanto, quando vi que muitas já subiam nos telhados e árvores, convenci-me de que algo grave estava para acontecer. Vesti a calça por cima do pijama e saí ainda abotoando a camisa. Ao chegar à rua, também olhei na direção em que todos apontavam e não avistei nada, apenas as últimas casas, o cajueiro torto no meio da praça e tudo o que sempre ali estivera... e só depois de muito insistirem, foi que distingui lá no horizonte, quase se confundindo com umas nuvenzinhas, um filete de fumaça. A partir desse momento entendi melhor a apreensão dos nossos habitantes, pois eles há muito tempo esperavam um inimigo que nossos antepassados juravam estar a caminho de cá, deslocando sua aldeia pouco a pouco em nossa direção.

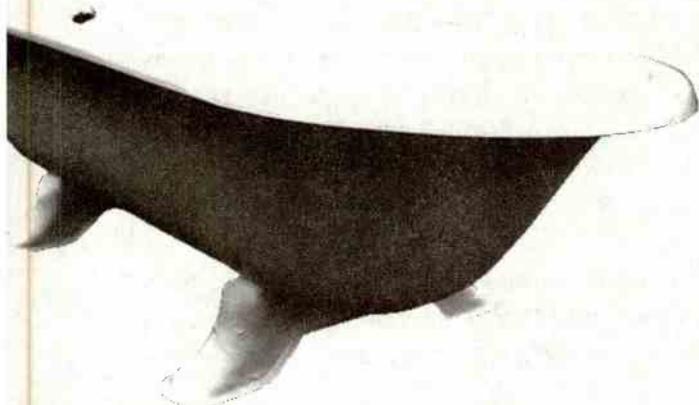
Parecia ter chegado a hora do tão esperado confronto. Os que há décadas faziam tanta propaganda do inimigo eram os mais perdidos, andando feito baratas tontas, atordoados. Alguns mais práticos traça-

vam estratégias de guerra, formando comissões para cavar trincheiras e montar armadilhas nos arredores dos vilarejos. Mulheres foram encarregadas de armazenar mantimentos e arear as velhas espingardas enferrujadas; e até as crianças engajaram-se na espera do inimigo, bem mais por folia do que por estarem compreendendo tudo aquilo. Houve gente que se trancou em casa e famílias inteiras que simplesmente sumiram do povoado; estas foram esquecidas depois de acusadas de traição. Entretanto foi justamente um dos desertores amedrontados que nos poupou de mais alguns dias de medo (pânico seria definir melhor) no meio daquela imensa algazarra em que se transformaram nossas ruas. Ele inicialmente nos ajudou em tarefas mais simples, fazendo sempre questão de não se afastar demais da presença de todos; suava frio e tremia as mãos ao sinal do menor rebuliço. Porém, na manhã em que esclarecemos tudo, ele se ofereceu para realizar a mais corajosa missão, que era a de pôr armadilhas na beira do rio, distante bons quilômetros do centro de nosso povoado. Quando os outros que o acompanhavam retornaram no meio da tarde, notamos logo sua ausência. As perguntas foram inúteis: era mais um covarde que fugia da luta. Mas na manhã seguinte os sentinelas avistaram uma nuvem de poeira ao longe. Aos poucos fomos distinguindo os dois vultos. Para nossa surpresa, tratava-se do desertor que caminhava lado a lado com um indivíduo escanchado num jumento; depois de certo período de desconfiança nos convencemos (ao examinarmos o animal, a roupa colorida e os dentes de ouro do visitante) de que não eram, os acampados, os nossos tão sonhados inimigos. Aí então a alegria foi grande, esquecemo-nos de punir a covardia do desertor e nunca os ciganos foram tão bem recebidos pelos habitantes dos vilarejos.

Quanto a mim, não engoli direito essa história de ciganos rondando nossas fronteiras; aliás, eles sempre foram os maiores suspeitos, e, senão todos, sei que há espíões infiltrados entre eles. Esperam somente nos encontrar em situação desfavorável, descuidados de nossas defesas, para nos atacar sem pena... muito embora não seja esta a opinião dos daqui, pois apenas sentem um grande alívio por não terem que enfrentar os inimigos logo agora, tão próximo ao Natal e às festas de fim de ano.

MEIO AMARGO

CHOCOLATE, CHOCOLATE!
CHOCOLATE, CHOCOLATE!
CHOCOLATE, CHOCOLATE!
CHOCOLATE, CHOCOLATE!
CHOCOLATE, CHOCOLATE!



CHOCOLATE,
CHOCOLATE!
CHOCOLA-
TE, CHOCOLATE!

Priscila Peres

(São Paulo-SP, 1989)

Filha de pais cearenses, reside em Fortaleza desde a infância. Estudante de Comunicação Social/ Publicidade e Propaganda, na Universidade Federal do Ceará. É inédita em livros.

Ela ficava assim sempre depois de uma briga: respiração ofegante, mãos trêmulas e geladas, boca seca, rosto pálido, olhos “esbutecados”. Precisava comer chocolate! Os dedos longos iam até o fundo da gaveta em busca de uma barrinha que fosse, um bombom qualquer perdido por ali: última esperança.

Por que ele tinha que gritar daquele jeito? A voz grave e alterada insistia em permanecer ao pé do ouvido. Ainda sentia o bafejar quente em sua nuca, aquele cheiro insuportável de cachaça. Não precisava gritar tanto! Para que tocar nesse assunto outra vez?

Já tinha dito que ele era só um amigo do filho e mais nada! O garoto estava apenas ajudando a procurar um brinco que caíra no chão. Não era nada disso que ele estava pensando, não! Estava escuro e ele ficou confuso, nada mais!

E onde aquele infeliz se meteu? Droga!!! Tenho certeza que deixei um chocolate por aqui! Procurou ficar calma. Sabia que não tinha culpa. Afinal, não poderia decepcionar o filho em sua festa de 13 anos. Mas quando foi à dispensa buscar o sal para a carne do churrasco, viu-se inexplicavelmente envolvida naqueles braços fortes e bronzados. E como cheirava, meu Deus! O maldito planejara tudo, me seduziu, o safado! E ainda teve o cuidado de fechar a porta, para que ninguém nos visse.

Os dois sujos de sal. Aquele perfume a enlouquecia. O marido, percebendo a demora da mulher, foi procurá-la e deparou-se com o pior. Por sorte dela, ele não estava bêbado. Apenas puxou-a pelos cabelos e derrubou-a no chão com um tapa no rosto. Calmo e silencioso para que ninguém percebesse sua vergonha.

Logo ele, que nunquinha na vida me botou chifre. E olha que teve várias oportunidades! Era um homem atraente, um coroa bonitão do jeito que as garotinhas gostam. Mas bebia feito um juramento. Não é qualquer uma que agüenta, não! Aquele perfume... Ai! Ai! Ai! Bem que ele poderia andar cheiroso igual àquele garoto. Já havíamos conversado sobre o assunto, mas ele insistia em gritar e pedir explicações sempre que bebia. Agora, saiu de casa, puto. Mas sei que ele volta.

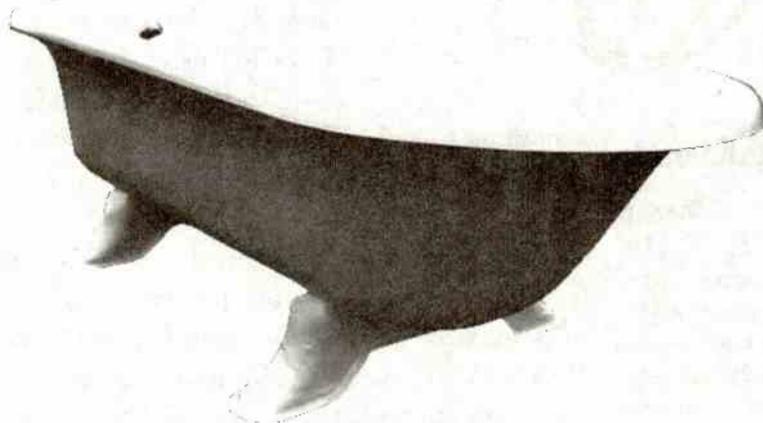
Procurava na última gaveta do guarda-roupa quando sentiu nas mãos um objeto estranho. No mesmo instante, ouviu passos no corredor. Ele estava voltando. Uma voz estranha dizia-lhe que poderia acabar com aquilo tudo logo de uma vez.

Ele entrou no quarto e ficou parado em frente à porta, com uma das mãos nas costas segurando algo. Ao ouvir a porta, ela se virou rapidamente. Barulho. Foi tudo muito rápido, cerca de um segundo apenas. Derrubou o homem no chão com um tiro certo no peito. Ficou impressionada! Nunca havia atirado em alguém antes, como acertou logo no coração sem ter mirado ou mesmo pensado em atirar? Desesperou-se. Jogou a arma no chão, levou

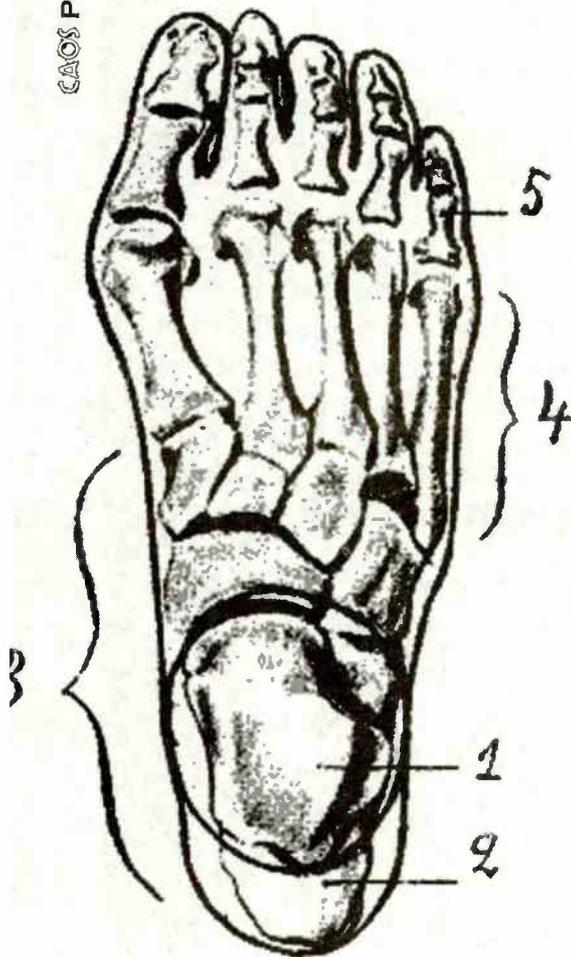
as mãos à cabeça como que querendo arrancar os cabelos. Correu para ver se ele ainda estava vivo, mas estava mortinho da silva, com uma barra de chocolate na mão.

O filho da mãe sabia que eu me acalmo com chocolate! E, com uma expressão estranha estampada no rosto, um riso meio torto e os olhos brilhando, tomou a barra da mão do defunto e comeu desesperadamente. Como quem passa muito tempo embaixo d'água e volta buscando ar incessantemente, numa questão de vida ou morte.

Aquilo lhe dava um prazer incomparável. Era como se ganhasse uma nova vida: a boca enchia de água, o coração acelerava, o rosto ganhava cor. Sentia um arrepio estranho percorrer-lhe o corpo. Não sabia explicar o que acontecia, mas a sensação que o doce causava ao descer pela garganta agradava-a bastante. Era como uma droga que a fazia ir do céu ao inferno em cerca de um segundo apenas. Depois de lambuzar-se toda feita uma criança, ela resolveu tomar banho. Ouviu ruídos, talvez estivesse tonta. Sentiu-se estranhamente sonolenta, os olhos pesados, o corpo mole, a garganta fechando-se. Adormeceu ali mesmo na banheira. O doce do chocolate na boca amargurada. Chocolate meio amargo.



O PÉ



O grito varou a pracinha e ricocheteou pelas paredes, sem encontrar ou vinte. Mais inócuo ainda foi o barulho do pesado corpo de dona Hermelinda caindo ao chão. Coitada! Sessenta e quatro anos esparramados sobre o mosaico uniforme do adro da igreja, sem socorro e com a vassoura em uma das mãos.

Um pouquinho mais e seu Joaquim poderia ter escutado, mas ele ainda preparava o pão e as portas estavam cerradas, como os olhos da maioria dos moradores do bairro.

Rodolfo, o sacristão, caminhou preguiçosamente pelo corredor central e, com a lesmice de sempre, pôs-se a abrir as pesadas portas.

– Ai! Socorro! Ai! Socorro!

Parecia um pé-de-vento, pois corria torto e mais rodopiava do que avançava em direção à Casa Paroquial. O primeiro “ai” foi por causa do que ele viu e o segundo pela senhora, desacordada.

Raimundo**Rocha**

(Fortaleza-CE, 1946)

Tem curso universitário incompleto. Foi professor de matemática e trabalhou com processamento de dados. Inédito em livro.

– Padre Eustáquio! Padre Eustáquio tem uma coisa horrorosa na entrada da igreja. – gritava ele, em meio aos seus rodopios.

Dona Hermelinda erguera-se, ajudada por dona Augusta, e as duas entreolhavam-se, cheias de interrogações.

– Só pode ser coisa do Demônio.

– Não, Hermelinda, é um pé.

– Oh, mulher! Eu não sou cega, mas quem o colocou aí o fez sob o domínio de Satanás.

O Pé, de pé, ao pé da porta, teria rido das caras de espanto e medo das senhoras, se as pudesse ver.

Seu Joaquim desacocorocou-se e diagnosticou, com um ar de professor: “É um pé de gente”.

– Vai ver que alguém morreu em um acidente e o seu pé veio rezar para a salvação da alma do morto. – deduziu a dona Santinha, a derradeira carola a chegar.

Padre Eustáquio teve que usar os cotovelos para aproximar-se do Pé que, a essa altura, já assumira o status de uma pessoa completa e viva.

– Padre Eustáquio, o Juvenal ouviu quando o senhor disse: “que só precisava de um pé, um pezinho de nada, para decidir sobre a reforma do altar”. O senhor sabe que ele é doido e que leva tudo ao pé da letra. É capaz de ter sido ele. – sugeriu o sacristão.

– Deixe de sandice, Rodolfo. Não me venha com esse seu raciocínio, sem pé e sem cabeça. – rebateu o padre.

– Isso é macumba. – gritou um dos expectadores.

– O Saci iria adorar encontrá-lo. – falou um gaiato.

– Dava certo, não. Falta o resto da perna. – respondeu outro.

Para os últimos, o Pé usava meia e um sapato de boa qualidade, novinho. Abaixo das escadarias, era uma perna completa.

Seu Zuza, o bodegueiro da esquina, que fora informado de que havia um defunto, sem um dos pés, na igreja, comentava com os fregueses: “Não é qualquer pé rapado. É um cara bem vestido, com paletó e gravata”. Ao que um dos clientes retrucou: “Além de faltar o pé, está faltando também a cabeça. Quem disse foi o padre,

que o viu bem de pertinho”.

Da viatura, desceram dois policiais e o delegado, que, com a costureira “delicadeza”, abriu caminho e perguntou:

– Onde está o corpo esquartejado?

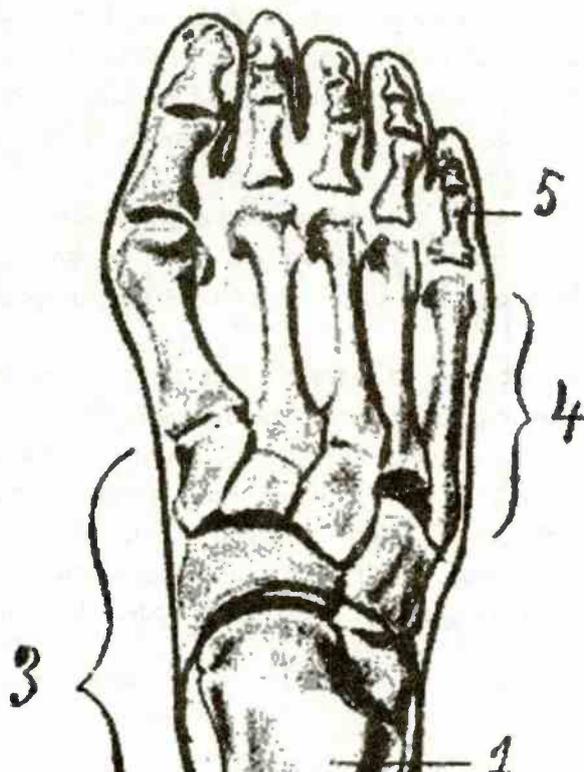
– Taí. É só um pé. – falou o sacerdote.

O cinegrafista, da televisão, lutava com a dificuldade de enquadrar as imagens e o repórter obtinha, do delegado, os esclarecimentos.

– Embora estejamos aguardando a chegada da perícia, posso adiantar que se trata de um pé amputado cirurgicamente, pois não há sangue e nem traumatismos. Deve ter sido roubado do necrotério ou da Faculdade de Medicina.

A quinta sinfonia, de Beethoven, vinda do veículo que estacionou em frente à igreja, sonorizou a perplexidade dos curiosos, interrompeu a entrevista e chamou a atenção de todos.

Alguém parou a música e falou através do forte equipamento de som: “Visitem o Museu de Cera! Vejam as mais perfeitas estátuas e reproduções de órgãos humanos. Vejam também...”



ÁLBUM DE FOTOGRAFIAS

As cinzas da noite espalhavam em brasa no quarto de Cícera.



Toda a solidão de uma vida oprimida entre suas coxas lhe ardia. A televisão a convidava para comprar uma nova marca de detergente, sabonete e palha de aço. Mas, para viver a sua vida, nunca, never more.

Casara cedo, muito jovem e tola. Não conhecia nada da vida. Cria no noivo, experiente e de olhar interessado, penetrante... Acreditava que ele poderia fazê-la a mulher mais feliz do mundo. Não o conseguiu. Teria sido sua culpa?

Há anos, reclusa à vida doméstica: passava, encerava, cozia, pregava botões e cerzia as meias. Em troca de quê? Todos os dias, rádio na cozinha, lamentos sonoros de amor eterno respingados a óleo quente da frigideira, comida no forno, lavagem de cuecas e muita, muita, muita vista grossa...

À tardinha, com almofadas embaixo dos cotovelos, reclinava-se à janela, sisuda, a comparar a sua vida com a dos passantes. A visão de uma mulher magra e jovem lhe era imperdoável, capaz de estragar até o fim de semana. Roía as unhas.

Revolvia gavetas, revolvía gavetas, procuran-

Raymundo Netto

(Fortaleza-CE, 1967)

Fisioterapeuta, quadrinhista e designer gráfico. Tem publicado *Um Conto no Passado: cadeiras na calçada* (2005), vencedor do I Edital de Literatura da SECULT, categoria romance, em 2004. Tem no prelo o livro de contos *Os Acangapebas*.

do nem ela sabia o quê. Chorava nos portais da cozinha. Chorava por detrás das portas. Chorava. Cheirava esmaltes. No banho, perdia horas se ensaboando, se esfregando, catando o surro, sensação de sujeira, muita sujeira. Cuidava das plantas no jardim, matava formigas, caçava baratas, limpava ratoeiras...

Um dia, recebeu um telefonema diferente: seu marido sofrera um grave acidente. Morrera! Solicitavam-na para fazer o reconhecimento do corpo.

Desligou o telefone e pousou-o no console. Não chorou. Não sabia o que pensar. Não sabia o que fazer. Não sabia para onde ir. Não sabia a quem procurar. Não sabia nada de coisa alguma.

Foi ao quarto, ficou de quatro e pegou embaixo da cama uma encadernação vermelha amarrada com uma fita puída. Abriu-a. Era um álbum de fotografias. Pequeno, feito de cartolina, comido por cupins, cada página separada por papel manteiga amarelado. As fotos, à medida que passava as páginas, caíam pesadas. Ela as recompunha. Fitava-as. Não, não as reconhecia, não reconhecia nada nem ninguém. Sorriu aliviada e gargalhou com uma estranha sensação de liberdade.



A ÚLTIMA CONSOADA

para Pedro Salgueiro

"Real, impossivelmente real, certa,
desconhecidamente certa..."
Fernando Pessoa

Caía a tarde, entrava a noite. Ele permanecia sentado na cadeira de balanço, quieto, embriagado pelas lembranças, vagando pelos pensamentos. Acompanhava o cair do sol e o correr do pequeno rio. O fiel cachorro, que nunca o deixara só, permanecia deitado, igualmente quieto, apenas as orelhas se mexiam, vez por outra, para espantar os mosquitos.



Há anos repetia esse mesmo ritual: terminados os afazeres, banhava-se, colocava as cadeiras no alpendre, chamava o cachorro e conversava com sua senhora durante o anoitecer. Naquela mesma hora, rezavam, para se proteger dos maus agouros e dos maus espíritos. O Destino, porém, subvertera o curso natural da Vida por duas vezes: primeiro, quando ele tivera que enterrar um dos

Robson Ramos

(Fortaleza-CE, 1986)

É estudante de Letras na Universidade Estadual do Ceará. Foi um dos vencedores do Prêmio Peter Röhl de Contos, com "Olhares Noturnos", realizado pela Câmara Cearense do Livro.

Inédito em livro.

filhos, o mais moço, quando o correto é que o filho enterre os pais; segundo, quando sua mulher morreu subitamente, vítima de uma doença que a consumira silenciosamente e, quando descoberta, nada mais poderia ser feito. O Tempo também não o deixara impune. Estava velho: os cabelos brancos e ralos; a face enrugada; a visão curta, quase imprestável; a audição falha; os braços e as pernas já não atendiam como antes.

Um vento frio percorreu o campo e pairou sobre o alpendre. Ele desconfiou, mas teve plena certeza quando o cachorro se levantou e latiu: Ela havia chegado, não com a mesma ferocidade de antes, chegou leve, sutil. Se ele a pudesse ver, veria uma bela dama vestida de negro, sentada na cadeira ao seu lado. O cachorro a encarava, mas nada fez, sabia que não havia coisa alguma a ser feita. Ele também não esboçou nenhuma reação anormal. Já era sua hora, cumprira aquilo que lhe foi designado: nasceu, cresceu, casou-se, multiplicou-se e agora morreria. E ainda havia amado, amado muito. Poderia um homem querer algo mais?

Recolheu-se a casa, certo de que não estava só. A mesa já estava arrumada, os pratos nos devidos lugares, cada coisa em seu lugar, como era seu costume. Comeu um bocado e rejeitou o resto. Tomou um pouco de água, guardou a louça e se preparava para se deitar. Sentou-se na cama, chamou o cachorro para junto de si, afagou-lhe a cabeça, agradecendo os anos de lealdade e se despediu. Não tinha medo, estava consciente da situação. Rezou pela última vez. Amém. Ao fechar a janela, viu o correr do rio, corria para longe, desembocando no mar, completando seu ciclo.

Deitou-se na cama e o mesmo vento frio pairou pelo quarto: Ela fez-se presente. Sentiu o ar frio tocar o seu rosto, um beijo, um beijo de adeus. E agora ele, ao fechar os olhos, assim como aquele rio, completara também o seu ciclo.

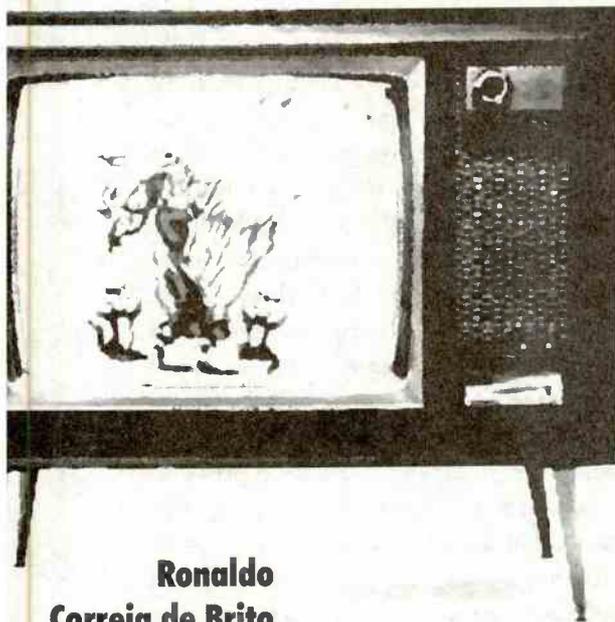


CAMINHAR ERA O SEU MELHOR JEITO DE ACO- MODAR AS IDEIAS

Andava em meio às cadeiras do escritório vazio, e não esbarrava ao acaso. Quando era menino, corria. Corria em tardes de chuva, em prenúncios de tempestade. Qualquer dia um raio acertava no meio da sua cabeça. Abre o cérebro em duas bandas, hemisfério direito e esquerdo, oriente e ocidente, sensibilidade e lógica. Circunvoluções de massa branca e amarela, extensas cordas de neurônios, a sala um novelo

de cabos, mesas, cadeiras e armários. Como as lianas que descem das árvores com mais de trezentos anos, na Floresta Amazônica. Mas ele não se emaranhava num só fio, nem quando passava os dedos das mãos na cabeça, como se ainda existisse a basta cabeleira escura, perdida em travesseiros e almofadas. Movia-se com a precisão de um cego que nunca recebeu ajuda de um cão labrador, entre avenidas de edifícios altos, sem desviar-se da rota.

A televisão ligada.



Ronaldo Correia de Brito

(Saboeiro-CE, 1950)

Escreveu os livros de conto *As noites e os dias*, *Faca e Livro dos Homens*. Assina coluna nas revistas *Continente* e *Terra Magazine*. Escreve peças de teatro e literatura infantil.

Duas torres gêmeas em Nova York.

Desmoronam.

Primeiro uma, em seguida outra. Dois raios caídos do céu. Bem que sua mãe avisara, nas tardes com prenúncio de tempestade em que saía para a rua. Não vá,

mas ia. Não corra, mas desembestava. Não duvide, mas era auto-suficiente demais. Escutou World Trade Center, parou diante da televisão. Continuava sem ver. Os números na cabeça lisa, subtrações e divisões, débitos que o escritório vazio não saldava nunca. Centenas de folhas de papel, fichas de matrículas, planilhas. De que valia a memória dos computadores se continuava existindo papel?

A serra ligada.

Duas árvores gigantescas na Amazônia.

Tombam.

As árvores nunca sonharam alcançar o céu. Desconhecia o projeto das torres gêmeas.

A história acontecendo diante dos seus olhos. Mas ele só via os números, a perversa burocracia de não sei qual ministério. Jurou nunca mais entrar numa situação adversa.

Escutou a voz de um locutor.

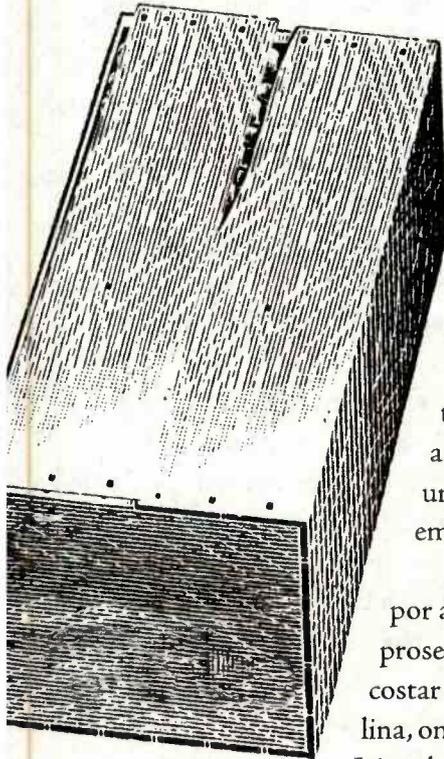
Pela primeira vez ferem os Estados Unidos, no seu próprio território.

Os números não batiam, os computadores recusavam a prestação de contas. Explodiram valores e visões do mundo. O dinheiro não seria repassado pelo ministério, não teria como pagar aos professores que trabalharam quatro meses. Envolto na obsessiva nuvem aritmética, nos destroços de contas, perdeu o bonde da história. O bonde? Eram dois aviões. Primeiro chocou-se um, logo em seguida, o outro. Sequência óbvia. A televisão repetia as imagens. O cérebro gravava. Preso à medíocre realidade do escritório. Se a perna dói, o restante do corpo não existe. Só a perna existe. Só os números do ministério contam. O resto cai na indiferença se a perna esquerda dói. Precisava rever as contas. Rever as contas. As contas. As torres ficavam para depois. Depois. Nada percebia. Dentro de alguns meses o primeiro abalo. As torres de sua cabeça, as contas sem acerto, o choque, a queda. Cinco anos para as cinquenta mudanças que os atentados provocam. As cinquenta mudanças se resumem numa. Enquanto não resolve a prestação de contas, encaminha as bagatelas do universo pessoal.

Desligou a televisão.

Já podia ver. Passou. A história nada mais é do que uma sucessão de quedas, escreveu num papel, achado ao acaso. A folha branca entrou pela janela, trazida pelo vento, logo após as explosões. Primeiro uma. Depois outra. Sempre tão óbvio.

TIRADOS DO PÉ



Eram três cabeleiras louras, uma em cachinhos, uma em crina e a terceira, indefinida. Cheia que nem arbusto em densa mata. Ordenadas pelo vento se mexiam em dança ritmada à beira do asfalto. Por trás delas o verde intenso. Os cabelos a pedir comida aos viajantes, os fios de uma ou de outra cabeleira a se enlinhar em pontas quebradiças.

Nenhuma era negra, pelo menos por aqui. Dona Mocinha não costumava prostrar-se por essas bandas. Ela preferia encostar suas bacias de caju no posto de gasolina, onde também encostavam os viajantes. Lá os homens paravam para o descanso do volante, uma dose de boa aguardente e um cigarro barato. O cheiro forte que impregnava o pixaim de dona Mocinha. E traziam perfumes e espelhos. Lavavam o rosto e se punham na vida outra vez.

Tinha tempos que a mulher trazia bacias com atas, frutas de carnes brancas. As coxas arroxeadas de dona Mocinha deixavam seu Antenor das cabras, de beijo mole. E em suas mãos sempre caía algum trocado. Mais do que nas mãos de cabeleiras louras. Da menina de

RUTH DE PAULA

(Pocajus-CE, 1961)

É pedagoga, com mestrado e doutorado em Educação, e professora na Universidade Estadual do Ceará. Premiada no III Prêmio Ideal Clube de Literatura com os contos "Tirados do Pé" e "Tempo".

Publicou o livro de crônicas para crianças *Chuva, sol, sombra, sombrinha* (Coleção Baião das Letras, da SEDUC).

nove anos, a de copa densa, os viajantes não comentavam nada, espiga de milho. A de doze, no entanto já estava na espreita e gostava. Um peixe dourado mostrava o rosto queimado num sorriso de quem quer mais que uma cuia de feijão com farinha, depois mergulhava ligeira em silêncio. Silêncio maior do que o sorriso. Não fazia idéia do que aquele entra e sai despertava nos viajantes. Ou fazia? O certo é que os homens gostavam do jogo.

E seis mãos vazias acompanhavam o movimento dos carros. Em tamanhos vários, as mãos pediam: roupa, remédio, pediam comida e dinheiro. Amor também, elas também queriam amor, mas desejavam avidamente um pouco de arroz com feijão e, na disputa contra a fome, ele, o amor, quase sempre perdia. Oca a boca, língua estalando. Dez dos dedos eram pequenos e gordinhos ainda, os outros já bem longos se perdiam entre cabelos.

Mocinha não usava roupa de baixo, só anáguas. Debaixo da saia de rosas coloridas, umas duas. O volume dos panos aumentava suas nádegas carnudas e ela sorria confiante em seu sorriso de dentes alvos. Clara também a alma. Seu Antenor sentava ao lado dela, a procura de suas rendas, do movimento das coxas, da transparência das rendas. O beijo caído à espera da sua bacia de cajus. Aquela safra era boa, e os cajus amarelos e os cajus vermelhos eram que nem uma pintura! Óleo sobre tela, alumínio reluzente que nem o ouro do sorriso do homem das cabras.

Ele na espreita como um boi, e Mocinha só apreciando. Ela gostava de vê-los assim de olho murcho, ruminando. A baba do fumo rolando. Mãos calejadas de muita estrada limpando o canto da boca. Beijo caído. A safra era boa, vã a espera. Já passava das seis, quando os dois ali, um em frente ao outro se entenderam. Poucas palavras. Fasta ... Ela sentada num caixotinho de madeira, ele de cócoras. Dona Mocinha levantou a primeira anágua, depois a segunda. Pequenos lábios em carne viva, a carne dos cajus vermelhos.

Nem verdes, nem maduros. Tirados do pé.

A máquina



É madrugada, e eu sei que ela está para chegar. Preparei minuciosamente este momento durante o dia. Acredito que nada vai sair errado. E se sair, o fim da linha vai ser o mesmo: a morte. Assim é que eu entendo a vida.

O sorriso dela ainda está presente nos compartimentos desta casa. Desejei, há pouco, eu lembro, que existisse uma máquina que pudesse extinguir rastros de pessoas. Todos os dias eu poria a geringonça para sugar das paredes as marcas do toque dela e do vento cada palavra que ela tenha dito durante esses anos. Mas, afóra fantasias tolas, o que existe são as roldanas da vida, que engrenam sobre nossas cabeças fatos e sensações, de pouco ou nenhum entendimento. A vida passa e terminamos extintos.

Eu faço minhas horas. Por isso, ansio o mais depressa possível pela minha libertação. Se demorei em tomar decisões, não tardarei para apertar o gatilho assim que eu ouvir o barulho da chave e dos passos dela sobre o tapete. Minhas mãos não vacilarão. E quando ela cair diante de mim, demorarei a levantar da poltrona, porque quero observar o filete de sangue escorrendo para a porta, descendo os degraus e descansando no asfalto. O sangue sairá da casa primeiro que o corpo, porque quando eu resolver me levantar, ainda quero

Urik Paiva

(Maranguape, 1989)

É poeta e contista. Tem contos publicados na revista Caos Portátil – Um almanaque de contos, na revista Literatura e no jornal O POVO. Publica seus textos no blog www.literariedades.blogspot.com.

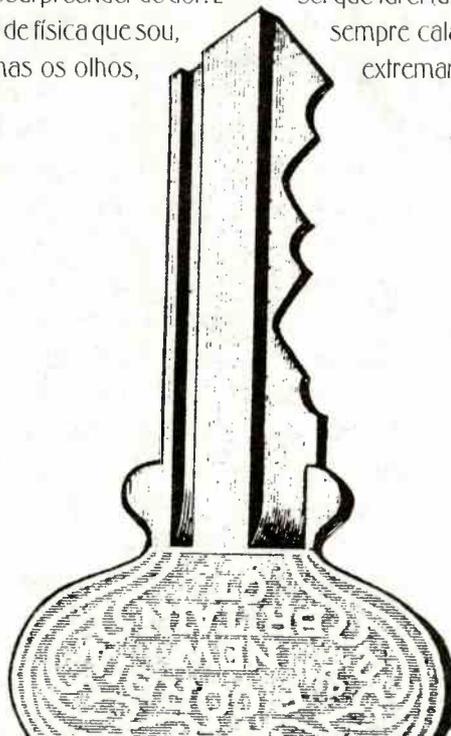
espreitar seus dois olhos que estarão brancos. E, então, poderei dizer a ela que finalmente estou livre.

Não me preocupo com o que vão comentar os vizinhos e os familiares dela. Talvez algum deles, os homens que carregam o nome da família, venham aqui acabar comigo, em represálias. Eu não vou reagir, porque, de certa forma, preciso ser punido.

Este vai ser meu primeiro crime, e quero que seja o último.

Enquanto acarício o revólver, lembro-me de seu riso louco pelos cantos da casa, depois de desligar o telefone. Ah, como eu queria saber o que ela tanto conversava! Mas ela nunca revelava, apenas sorria, como se tudo estivesse indefinidamente bem. Nas noites em que eu estava em casa, ela sempre estava fora, em lugares que a criada não sabia dizer. Encontrávamos-nos apenas pela manhã, quando eu percebia que o lugar ao meu lado na cama estava finalmente ocupado. Eu saía para trabalhar e ela permanecia dormindo. E um sorriso satisfeito passava em seu rosto. Eu nunca estou rindo, nunca. Tenho felicidades, mas minha boca permanece imóvel. Não gosto da hilaridade, porque nela não vejo lógica.

Quero extinguir todos esses sorrisos da minha memória e da memória desta casa. Hoje é o último dia de sua alegria. Os porta-retratos já estão no lixo, os lençóis da cama estão trocados e o guarda-roupa está praticamente vazio. Eu estou sentando, esperando sua boca risonha chegar e, de repente, se surpreender de dor. E sei que farei tudo com a frieza de um professor de física que sou, sempre calado, contraído, os olhos, e apenas os olhos, extremamente perigosos.



DESSORAMENTO

O vento soprava forte pela janela de meu quarto. Fitava o dia que se apagava melancolicamente, sangrado e exangue. As paredes afligiam-me... Tremia, dilatava-me. Eu era o dessangramento, eu morria com o dia. Como é difícil controlar as emoções em situações que nem sequer conheço a mim mesmo. Via as luzes na alameda que faziam um imenso luzir em meus olhos e relembra-me momentos de minha infância, quando o medo da incerteza parecia natural. Hoje, sinto-me entrevado em uma abissal solidão em que o fim parece apenas o começo.

Aquele cômodo escuro era meu mundo. Liberdade era sempre estar debruçado naquela janela única. Como estar liberto, se o maior aprisionamento encarcerava justamente minha mente? Liberdade? Nunca teria... Impossível tê-la.

Ouvi quando bateram na porta. Era o jantar trazido pela velha empregada do sanatório. Como de costume, ela empurrava o alimento por uma fresta da sólida porta. Estava sem fome, alimentar-me para quê? A ânsia de saciar os desejos de minha mente era infinitamente maior e, talvez, alguns amigos da imaginação que me visitassem nas frias madrugadas pudessem fazer daquela porção de comida um banquete entre eles.

Deitei-me. A claridade lunar reluzia em meu rosto através do espelho defronte ao meu leito. Naquela noite de lua cheia adormeci. A comida tinha ficado no chão. O vasilhame de alumínio limpo indicava que eles haviam achado a refeição saborosa.

No amanhecer, o sol já invadia o quarto. Passei mais aquele dia na esperança de que, ao anoitecer, as luzes trouxessem consigo minha tão sonhada liberdade de espírito. E foi em um desses pensamentos que senti mais um filete de lágrimas que teimava em escorrer por minha esquelética face.



**WESLEY
LYEVERTON**

(Fortaleza-CE, 1988)
Estudante Universitário. Inédito em livro.

AMOR

[SELEÇÃO DO AUTOR]

ILUSTRAÇÕES:

J. G. Posada, Matisse e F. Masseret.

18



O amor é uma corruíra no jardim - de repente ela canta e muda toda a paisagem.

19

- Do Lelé não se lembra? O mocinho que no carnaval aspirava éter no lenço. Morreu no sanatório, sabia?

- Que peninha.

- Por amor de mim, que dele não gostei.

Ah, fingida: bem que, chorando, rasgou o retrato dele na primeira comunhão, atirou no poço a velha gata da família, quebrou a caneca do Amor em letra dourada.

DALTON TREVISAN

(Curitiba-PR, 1925)

é um dos mais importantes escritores brasileiros de todos os tempos. Estreou em livro em 1949, com *Novelas Nada Exemplares*, mas bem antes já publicava seus contos em livretos de cordéis, desses que eram, e ainda são, encontrados em feiras populares do Nordeste brasileiro. Essa prática ainda persiste até hoje. De tempos em tempos, o *Vampiro de Curitiba* brinda alguns poucos amigos com seus folhetos cheinhos de deliciosos contos inéditos, que meses depois serão enfeixados em seus livros. Reproduzimos alguns deles em primeira mão. Deliciem-se, e rezem para que ele continue nos brindando com tão saborosas iguarias.

22



De gênio muito ruim. Brabo e violento, qualquer bobagem bate na gente. Quebra tudo. De mim tira sangue.

- Te mato de arrocho de goela.

Cospe na minha cara. Afoga o pescoço. Me arrasta pelo cabelo. Não é que o puto pede perdão? Arrependido, me beija o pé. Assim a vida da gente.

23

Só de vê-la - ó doçura do quindim se derretendo sem morder - o arrepio lancinante no céu da boca.

44

- Ai, docinho. Tua perna tremendo. Não pára quieta. É da posição. Quer que mude?

- Não, não. Ai, tão bom. Deixa que trema. Você aí, pode tremer. Perninha, não pára. Ai, ai.

45



- A bem-amada é o som de mil palmas batendo numa só mão.

46

Ele dá um, dois, três beijinhos. Ela, suspirosa:
-Você é mais convincente, amor, quando não fala.

47



O noivinho tão delicado, meu Deus, essa mesma besta resfolegante ali na cama? Toda noite rasga a tua calcinha. Antes de rebentar aos berros uma das trompas.

54



- Ergue a blusa.
- ...
- Baixa a calcinha.
- ...
- Fica de joelho.
- ...
- Pede perdão, sua...
- Ai, não. E o chicotinho, pô? Esqueceu? De novo, João?

55

- Esse outro eu não aceito. Me recuso a dividir com um panaca a minha mulher. Você tem de escolher: eu ou ele.

- Bobice, querido. Ora, o que você perde? Para mim esse aí nada significa. Você é único. O meu amor é demais para um só. Grande bastante para dois e três. Quer a prova, docinho? Vem para os meus braços. Vem.

- 7 Alcides Matos
Aldir Brasl Jr. 10
11 Ângela Gutiérrez
Caio Marinho 12
13 Caio Montenegro
Camila Marcelo 15
16 Carlos Eduardo Bezerra
Carmélia Aragão 20
23 Cláudio Portella
Cris Nobre 25
28 David Cid
Floriano Martins 29
31 Genuíno Sales
Gilberto Machado 34
35 Inez Figueiredo
Jéssica Fontenele 38
41 Joana D'Arc Araújo
Jorge Pieiro 42
47 Léo Mackllene

49 Lia Terceiro

Luciôla Limaverde 52

54 Marília Passos

Nilbio Thé 55

57 Nilto Maciel

Ondjaki 59

61 Patrícia Tenório

Paulo Veras 62

65 Pedro Fontenele

Pedro Salgueiro 67

69 Priscila Peres

Raimundo Rocha 72

75 Raymundo Netto

Robson Ramos 77

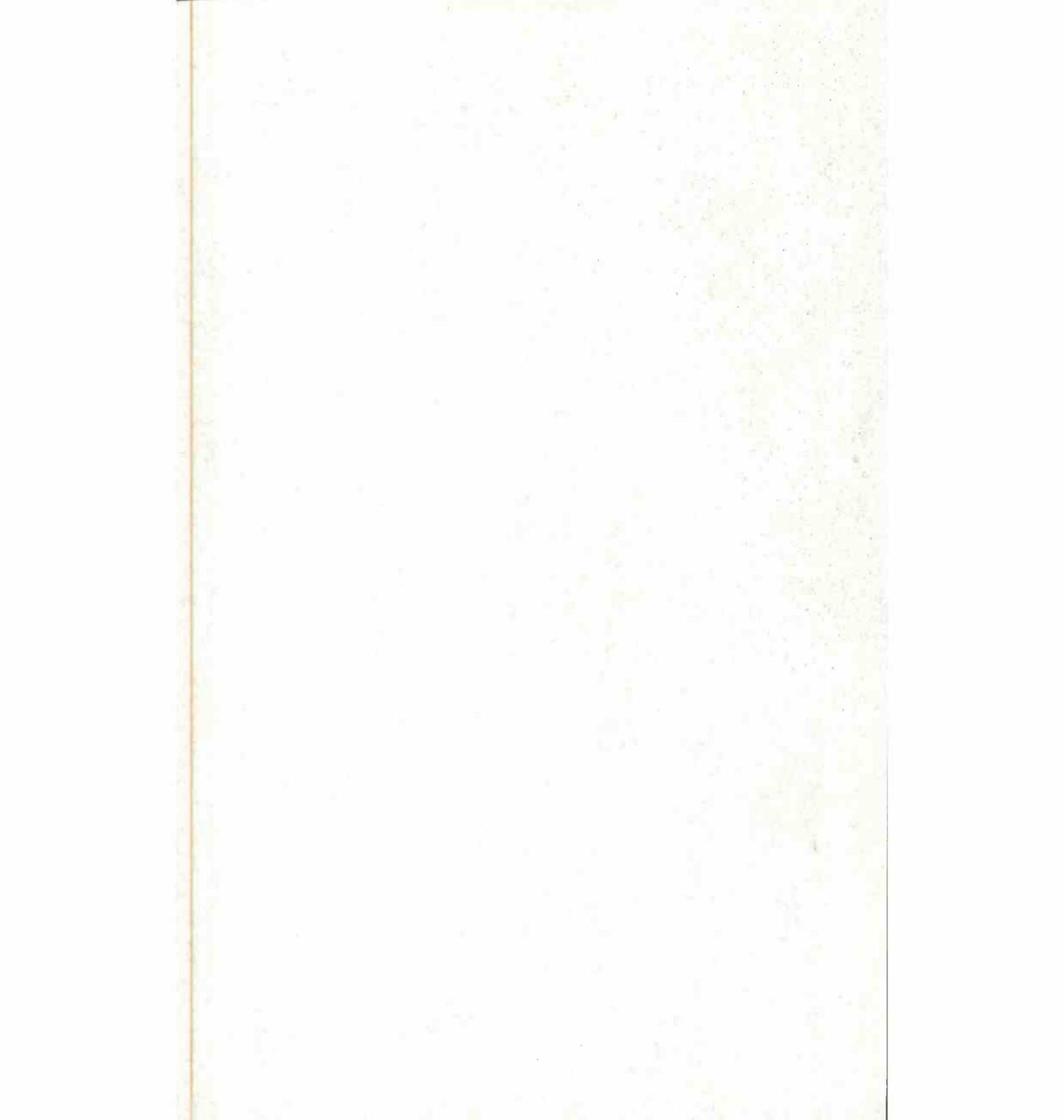
79 Ronaldo Correia de Brito

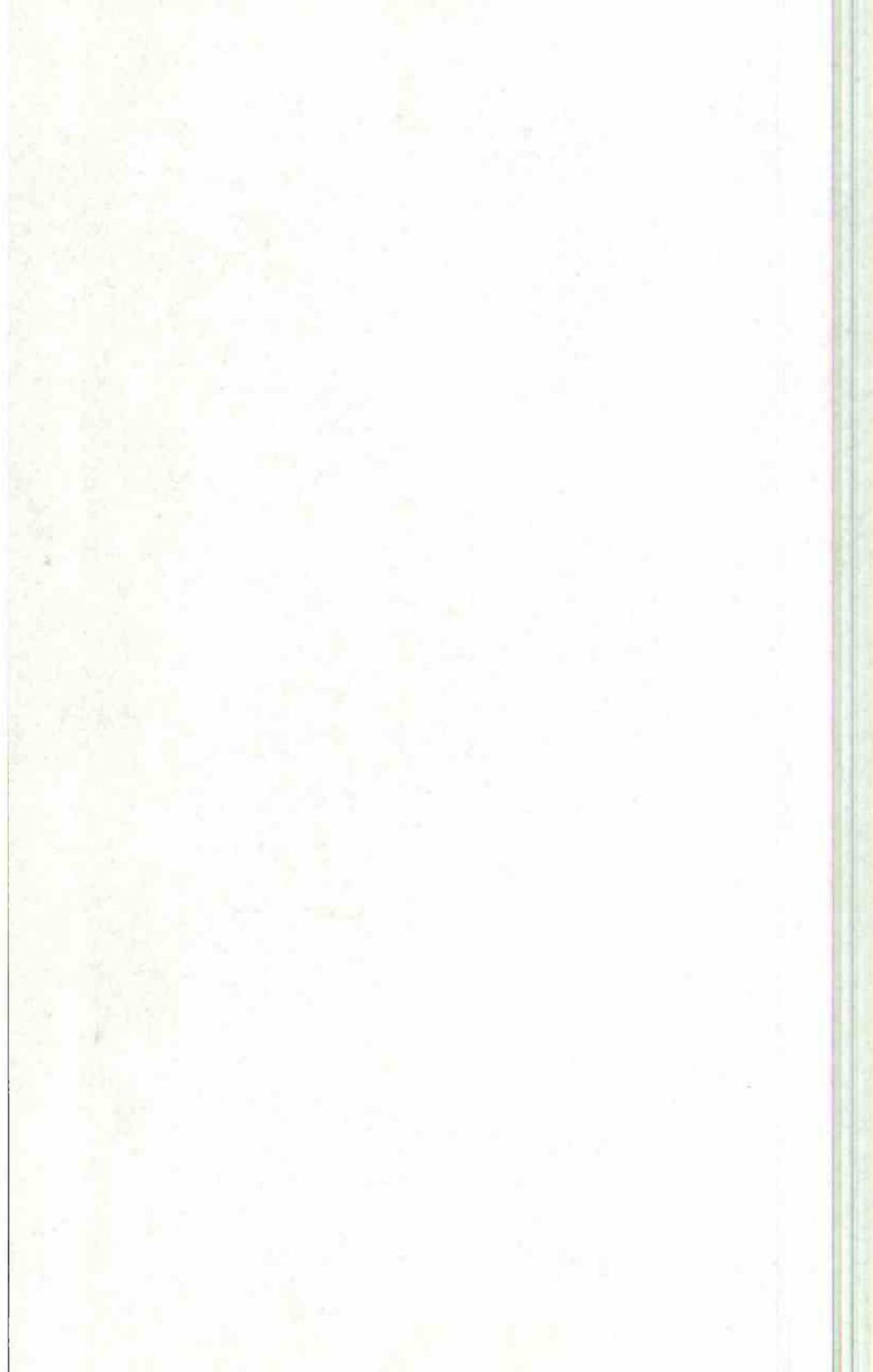
Ruth de Paula 81

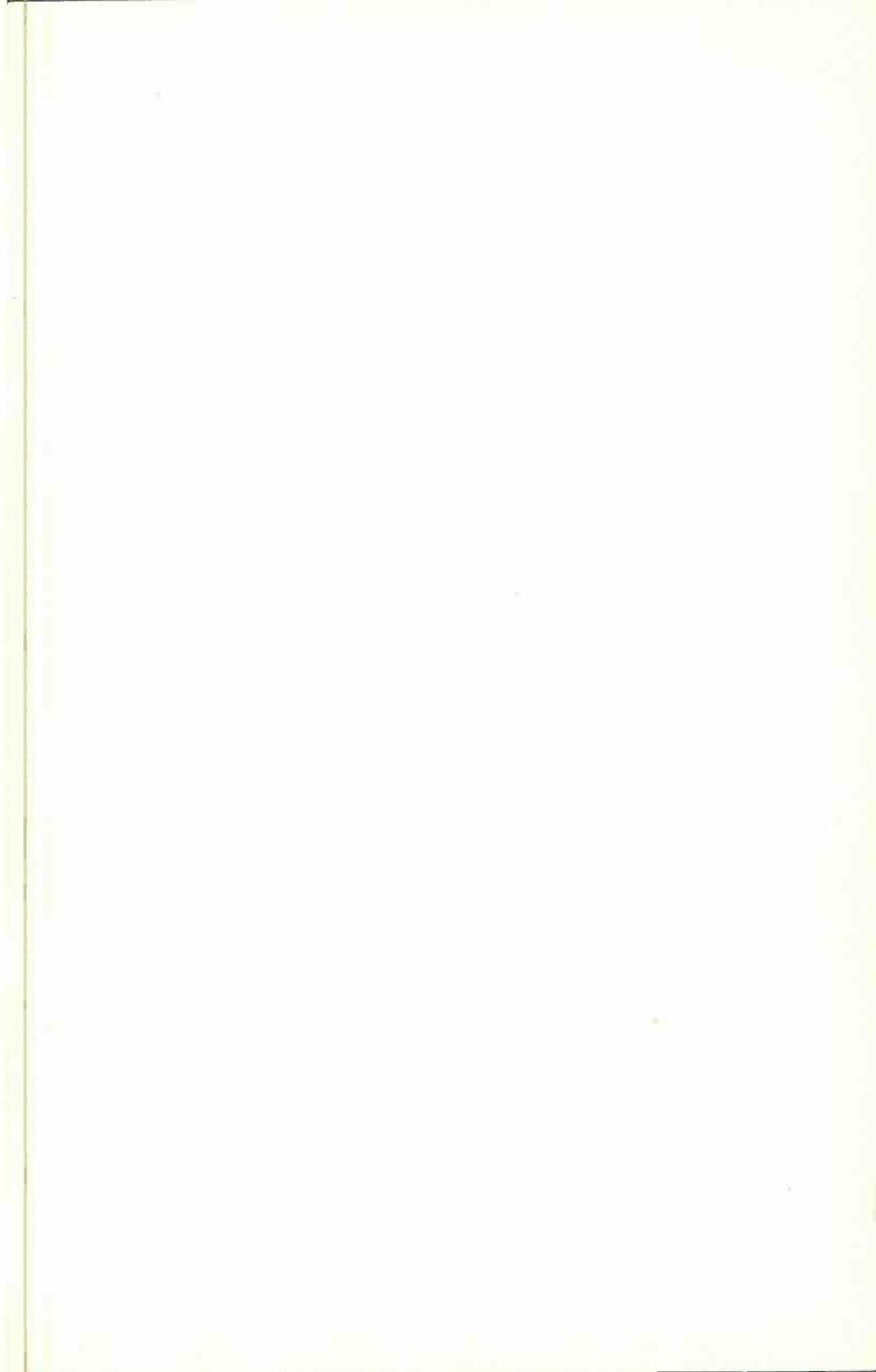
83 Urik Paiva

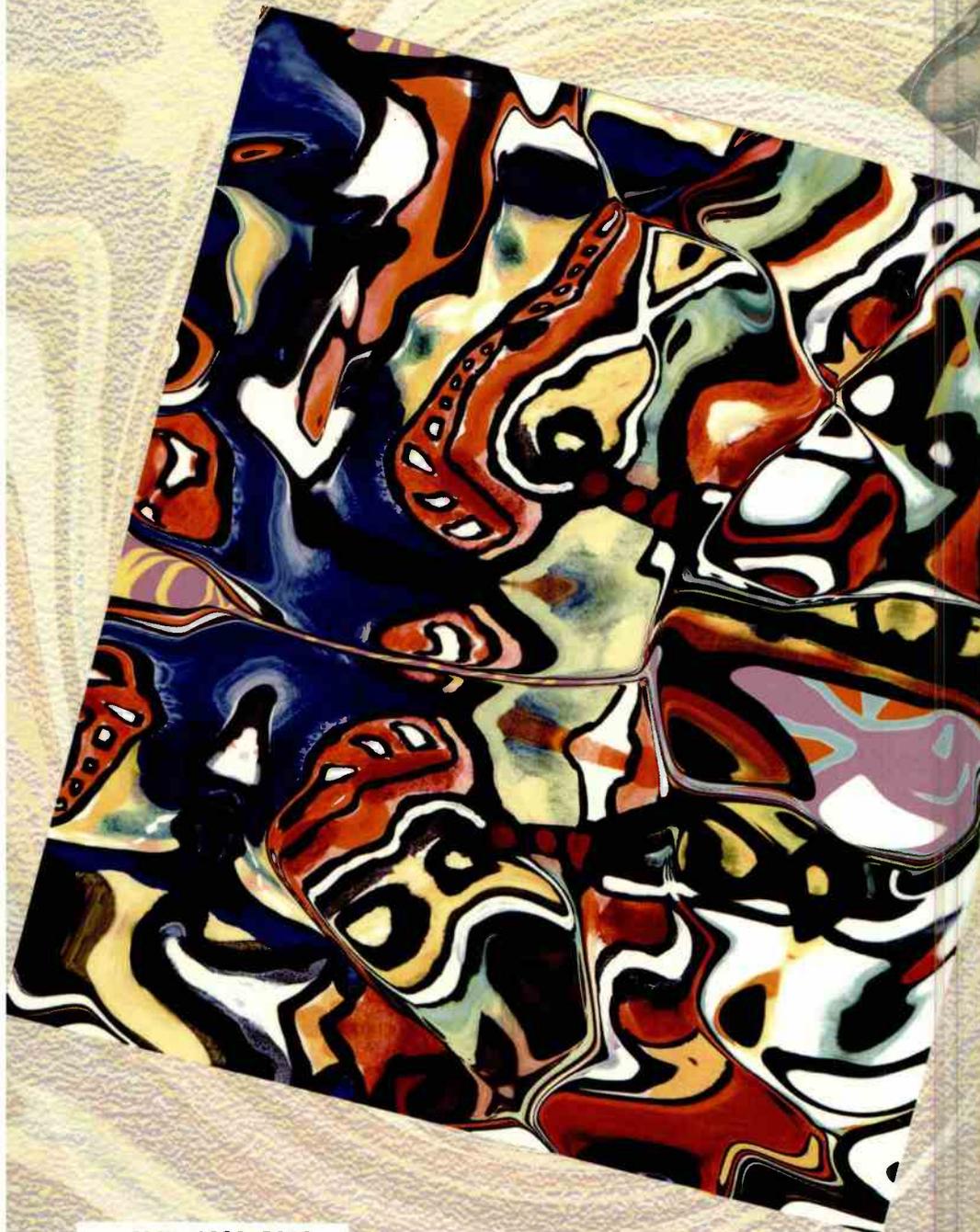
Wesley Lyeverton 85

86 Dalton Trevisan









ISSN 1808-3080



9 771808 308001



Prefeitura de
Fortaleza

